



Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

João Paulo II. A Misteriosa Vocação de Pedro

Os acontecimentos ligados à agonia e morte de João Paulo II impressionaram o mundo. Sobretudo porque não estamos habituados a ver, nas primeiras páginas dos jornais e nos ecrãs de televisão, um protagonista idoso, limitado pela doença e exposto, na sua fragilidade, aos olhos de todos.

É que, no mundo ocidental, o mito da eterna juventude invadiu o nosso sub-consciente, e até parece que a felicidade não se alcança sem aderir aos "corpos-danone" e à moda dos ginásios "fashion"... Ora, neste contexto, o testemunho humano de João Paulo II surgiu como uma das maiores provocações à vida do homem contemporâneo.

A liberdade com que o Papa viveu os últimos momentos do seu pontificado impressionou o mundo inteiro. E não só o mundo católico, mas também os sectores laicos. Pela primeira vez, na última Semana Santa, a cadeira do Papa ficou vazia. E isto foi uma grande provocação para todos, como se pode ler num artigo de um jornal laico, escrito por um repórter não católico: "o homem que teve poder e saboreou o triunfo de abrir caminhos na História do século XX agora está à mercê dos médicos, dos que o tratam e dos conselhos dos outros. Tudo isto ele vive na fé e sem se esconder. Percorre o seu calvário com serenidade e total abandono a Deus. Mostra ao mundo que não tem medo da dor quotidiana, da impotência que humilha e não se preocupa por desfazer a imagem que dantes tinha. O martírio que está a viver nesta Semana Santa, dramaticamente iluminada pela sua ausência, é um exemplo de purificação e de humildade e também um sinal que dá dignidade ao martírio desconhecido de milhões de homens e mulheres no mundo. É um espelho do "ecce homo" que há em toda a parte.

Todos nos recordamos, certamente, daquele Domingo de Páscoa, em que João Paulo II surgiu à janela do seu Apartamento e tentou, sem êxito, proferir a bênção "Urbi et Orbi". Foi um momento emocionalmente muito forte. As pessoas começaram a chorar, e o Papa ali estava... mudo, exposto aos olhos do mundo, diante de 108 cadeias de televisão que, em directo, transmitiram a sua fragilidade. No dia seguinte, todos os jornais traziam na primeira página a imagem de um Papa mudo. Ou melhor, a imagem de um homem que não falou, mas que comunicou de outra maneira. Foi mesmo uma coisa poderosa, completamente ao arrepio da nossa mentalidade ocidental, em que os doentes e idosos são considerados um estorvo e afastados da vista de todos...

Creio que João Paulo II atingiu o vértice da sua liberdade! Nenhum político se arriscaria a fazer o que ele fez... teriam medo de falhar! Ora, João Paulo II arriscou tudo e não se escondeu aos olhos do mundo porque era um homem totalmente livre. E só uma pessoa totalmente livre – que já deu tudo a Cristo... e por isso, não tem nada a perder – é que é capaz de arriscar a fazer uma coisa destas. Não é isso que fazem os santos?

As multidões que acorreram a Roma para as suas exéquias foram um poderoso sinal desta estatura humana. A sua pessoa reflectia um atractivo e um fascínio que, no fundo, eram sinal de uma coisa perene que todas as pessoas anseiam. E que João Paulo II agora já vê, face a face, porque está no céu.

Maria Aura Miquel

XIII ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

5 de Março de 2005.

Fazendo jus ao multiculturalismo na sociedade contemporânea, o XIII Aniversário da nossa Associação foi celebrado no Centro de Apoio Social das Forças Armadas (CASFA), em Oeiras, que desfrutava de uma vista maravilhosa sobre o rio Tejo, junto da Escola Secundária que tem o nome desse grande matemático Sebastião e Silva.

"Oeiras palaciana com beirais pombalinos é um tronco secular onde o Tejo se faz mar, miradouro do futuro e porta do navegante, onde a torre do Bugio é a sentinela vigilante no meio do grande Rio." Estes são alguns dos atributos cantados no hino do Concelho de Oeiras, "...que já foi terra de suor, de seiva e pão, celeiro da abundância, tendo o moinho por tradição..." e é actualmente o concelho onde os indicadores de qualidade de vida e desenvolvimento socioeconómico superam todos os outros concelhos do país.

Os interesses da nossa Associação são partilhados por muitos associados oriundos das Forças Armadas, que nos ajudam a alargar os horizontes para lá do Pátio da Universidade, da Sé Velha e do Penedo da Saudade. Não foi fácil encontrar um local que satisfizesse todos os requisitos necessários, uma vez que este foi o aniversário mais concorrido de sempre, com 188 pessoas, algumas das quais já chegaram com o almoço a decorrer, sem inscrição prévia mas com vontade de participar. Com o esforço de várias pessoas, nomeadamente a Presidente Fátima Lencastre, o Sr. General Pacheco Rodrigues e eu próprio, conseguimos o desejado, depois de algumas reuniões de acertos de espaço, ementas e preço com a simpática Direcção do CASFA.

O sempre tão esperado momento cultural foi preenchido com a excelente *Orquestra Ligeira do Exército*, a célebre *OLE*, só possível com a devida autorização do Senhor General Valença Pinto, Chefe de Estado Maior do Exército.

Após a reunião de todos os associados na sala do bar, passámos à sala de jantar para um almoço muito bem servido e com horas muito contadas, finalizado com o bolo de aniversário bem partido e repartido, depois de cantados os Parabéns à Associação.



O Bolo em boas mãos...

Dirigimo-nos, depois, para o Auditório com condições excelentes para ouvir a actuação da Orquestra Ligeira do Exército, dirigida pelo Maestro Tenente João Oliveira, que nos deliciou com músicas de diversos estilos e de diferentes épocas. Vários foram os solistas que encantaram a assistência, a começar pelos três vocalistas, particularmente as duas senhoras, com vozes maravilhosas que encheram nossas almas e corações, mas também os trompetes, saxofones, clarinetes e flautas. Foi um excelente convívio e factor de aproximação da família militar com a família civil, uma surpresa muito agradável para todos nós, já que poucos associados conheciam esta Orquestra e o seu repertório. O concerto durou uma hora, um pouco contra a vontade dos presentes, galvanizados que estavam para a ouvir pela tarde fora, mas o programa estabelecia limites.

O nosso Presidente da Assembleia Geral, António Almeida Santos, fez o elogio e agradecimento à Orquestra, aplaudindo o seu valor musical, que ele desconhecia.



A Orquestra em pleno



Parte da assistência

Foi a vez do nosso grupo coral "AD-HOC", com os seus catorze elementos, mostrar a esta família Coimbrã como se canta para lá da juventude, com vozes afinadas num repertório muito apreciado.

O nosso sarau foi encerrado com a já tradicional e sempre brilhante Serenata de Coimbra, pelo Grupo "Porta Férrea".

No átrio do CASFA decorreu uma exposição de pintura do artista e nosso colaborador Alexandre Salgado Dias que nos deu a conhecer várias das suas obras, tendo sido adquirido ali um quadro a óleo. Artista consagrado, continua a pintar ao melhor estilo e a expor em vários locais, tendo já oferecido à Associação um belo quadro, a pastel, onde representava a nossa Coimbra.



O artista consagrado

TERTÚLIAS ACADÉMICAS

1. CARTOGRAFIA DAS ÁGUAS

No dia 16 de Março, teve lugar o lançamento do livro da autoria da nossa jovem Sócia Ester Guedes, com apresentação da Dr.^a Ana Paula Tavares (escritora, poeta e professora de culturas africanas da Universidade Católica).

São da autora do livro as seguintes palavras:

"Gostaria, antes do mais, de penhoradamente agradecer à Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Lisboa, na pessoa da sua Presidente, Dr.^a Fátima Lencastre, o carinho com que acolheu esta iniciativa; à Dr.^a Ana Paula Tavares, escritora e mulher que muito admiro, pela honra que me proporcionou ao aceitar fazer a apresentação do meu livro e pelas elogiosas palavras que me endereçou e que, sem dúvida, não deixarão de constituir um forte estímulo para continuar a escrever. Ao meu editor, Jorge Fragoso, pela coragem de apostar na poesia e, sobretudo, em novos autores, sabendo, como se sabe, o quão difícil é editar poesia neste País, cujo mercado não garante lucro, nem aos editores nem aos poetas. A todos vocês, que aqui vieram para partilhar comigo um momento tão importante, hipoteco o coração num eterno reconhecimento.

Falamos de poesia, ouvimos poesia, lemos poesia. Mas o que é a poesia?

Pode dizer-se que é um pássaro saído de umas mãos em concha. Afeiçoado ao ovo humano pintou-se de asas e descobriu o espaço. Mas a partir do momento em que se lança nesse espaço, o pássaro não é mais o que aquelas mãos moldaram. Tem a forma, a cor, o cheiro, a direcção dos olhos que o acompanham no voo, que o vêem num traço de céu ou que por eles simplesmente rasam.

Pode dizer-se que é uma cor, mas que cor? Cada olhar a ver a luz diferente, a distância diferente, em

diferente contexto visual. Por isso, a poesia é um arco-íris. Também é um alimento. Levá-la à boca é sempre uma silenciosa e terna descarga de sabores no coração. Um poema pode saber a todas as coisas que as papilas gustativas da mente identifiquem e mais àquelas que as papilas da alma sentem simplesmente, sem projecção em qualquer realidade experimentada, sem nome.

Com Natália Correia, no extraordinário poema "A defesa do poeta", diria também: "a poesia é para comer".

Afinal, a poesia é apenas a arte da sugerência. Como bem definiu Adolfo Casais Monteiro, "dizer, diz tudo a prosa".

Este livro, a Cartografia das Águas, já não é meu. A partir do momento em que veio à luz, desprendeuse do cordão umbilical do criador e tornou-se criatura. De mim levará apenas um nome. Um nome que é tão só a identificação do primeiro pilar da ponte em que ele se transforma continuamente a partir do sentir de quem o lê. Uma ponte que levará à margem que o leitor construir, inventar, descobrir. Será tantas pontes quantos os olhares que o percorrerem. A sua missão é criar margens, espaços entre os quais todas as navegações são possíveis.

Quando um dia as tantas releituras forem já incapazes de novas margens, lembrem-se que só os olhos se cansam. Nessa altura, olhem-no com amor e ofereçam-no a outro olhar. Deixem-no ser, fluir, cumprir a sua missão de ligar outros caminhos, de soltar outras águas, cuja cartografia ajudareis a redesenhar. "

E da apresentadora do livro, Dr.^a Ana Paula Tavares, é o texto que segue:

"Trémula é a mão que desliza sobre as águas criando círculos cada vez mais perfeitos até ao centro, à pequena cicatriz de sal e pólen que a terra representa. Trémulo é o mundo que se passeia e inscreve em cada

sílaba, chave das águas, olho do templo, sinal fechado. Há aqui um governo do tempo pela atenção ao ciclo das marés, às fases todas da lua, aos estremecimentos das agulhas de marear.

Um sentido nocturno divide o mapa cortado pelas águas "que sobem sempre pela mesma haste". Estabelecer uma cartografia é trabalho de rigor que apela ao olhar, ao lado de onde surgem os barcos de velas enfunadas, deixando sobre as águas um rasto de prata.

É preciso usar as mãos e as palavras porque não é fácil a construção de um mapa. É necessária a conjugação dos verbos até à mais-do-que-perfeita montanha, abrir os trilhos do deserto até à descoberta da mais ínfima flor perdida entre as areias.

Os mapas são inocentes porque inscrevem a culpa em rios d'água e distâncias por cumprir entre estrela e pedra.

A navegação desta cartografia é orientada pela rosa – dos - ventos do prazer da leitura "enrolando o tempo numa mortalha de papel". A bússola inclina-se a sul com as nortadas a cumprir-se em "íntimos silêncios" e inaugura uma geografia sobre a pele. É o mapa das veias e dos versos preenchidos de seiva e sangue.

A tranquila passagem para a paisagem é acompanhada pelo ritmo do corpo, pelo suave mover da voz no dizer, Lisboa, Buenos Aires, Roma ou simplesmente a casa. A casa como o lugar do corpo, do descanso das águas do nó no mapa que esta cartografia constrói.

Assim nos guia a poeta desta cartografia quando nos diz:

"O Olhar demora-se no patamar da luz"

Ou quando nos estende o seu fio de Ariadne anunciando:

"A Pele troca caminhos por passos
Sombras ou pássaros vadios
Confundem asas com âncoras"...

Ester Guedes desenha um mapa de voz onde a sombra desliza mansa com as águas e o tempo."

2. REFLEXÕES SOBRE A VIDA UNIVERSITÁRIA

No dia 19 de Maio, coube a vez à nossa Associação de proporcionar a divulgação do livro "Reflexões sobre a Vida Universitária" do Magnífico Reitor Prof. Doutor Fernando Rebelo, que tanto acompanhou, nos anos do seu "reinado", todas as A.A.E.C., com a sua presença e atenção, secundado pela sua Mulher, Prof.^a Doutora Maria de Lourdes

Eis as palavras de apresentação do nosso Presidente da Assembleia Geral, Dr. António de Almeida Santos:

"É a segunda vez que tenho a honra de apresentar este

livro do Magnífico Ex-Reitor Fernando Rebelo.

A 1.^a foi nas instalações das Edições Minerva, em Coimbra, ou seja da própria editora, que mais uma vez felicito pela qualidade da edição.

E volto a repetir o que disse então: com este livro, a Universidade de Coimbra contraiu uma enorme dívida para com o seu autor. Além do que já lhe devia, pelo brilhante exercício do Vice-Reitorado primeiro, durante 10 anos, e do Reitorado depois, durante quatro anos e meio, a Universidade de Coimbra fica a dever-lhe, insisto, o ter escrito os textos sobre si mesma que reuniu neste livro.

Trata-se do equivalente a um curso sobre a própria Universidade. Escrito, intencionalmente, com renúncia à erudição, de que noutros momentos revelou ser dotado, e com opção pela pedagogia que sempre imprimiu às suas lições, e uma linguagem assumidamente simples, didáctica, ao serviço de textos de divulgação sobre o que a Universidade é e como no dia a dia funciona.

Pode assim o Prof. Doutor Fernando Rebelo tocar todas as teclas e revelar ao público que julgava conhecer o que em grande medida desconhecia, a instituição tão rica, na sua complexidade, que a Universidade de Coimbra é!

Não tenho a pretensão de referir, e menos ainda de caracterizar, todos os aspectos versados. Mas não me eximo a mencionar os que mais me impressionaram, já de si condensações dos muitos artigos publicados. Desde logo o Reitor na Vida Universitária: o complexo sistema de eleição, com participação igualitária de todas as faculdades, independentemente da sua dimensão, e com a atribuição aos estudantes de 37% do respectivo peso eleitoral. No Brasil, por exemplo, os professores pesam 70%, os estudantes apenas 15% e os funcionários outro tanto. Esta distribuição do peso eleitoral dos eleitores do Reitor não é pobre em consequências.

Em matéria de competências, Fernando Rebelo revela-nos, com surpresa para muitos, que o Reitor "tem muito pouco poder".

No capítulo das receitas, ficamos a saber que o peso das propinas, no orçamento da Universidade, é apenas de 8%. Uma bela e surpreendente aproximação do objectivo tendencial da gratuitidade, definido pela Constituição.

Revelações significativas são também "a falta de preparação anterior dos alunos" em resultado do "desfasamento entre o secundário e o superior". Daí as estatísticas do insucesso!

Preocupante: a escassez de saídas profissionais.

Depois de depositar esperanças na Declaração de Bolonha, ou seja, na criação de um espaço e na promoção de um sistema europeu de ensino

superior, o Prof. Doutor Fernando Rebelo debruça-se sobre a mobilidade – interna e internacional – de estudantes e professores, e descreve o tipicismo da Queima das Fitas, das tradições académicas em geral, da praxe em especial. Nada de semelhante em qualquer outra universidade. Isto num universo de cerca de 22.000 estudantes universitários. Se a estes somarmos os demais estudantes de Coimbra, temos que, numa cidade que hoje soma cerca de 100.000 habitantes, mais do que um em cada três, estuda. Cerca de um em cada quatro, frequenta o Ensino Superior. É isto que torna Coimbra uma cidade característica e única!

O Prof. Doutor Fernando Rebelo descreve também em pormenor, e com saber de experiência feito, as dificuldades no acesso à carreira docente universitária. Por vezes, toda uma vida para chegar ao topo. Uma prova de obstáculos.

Um dos capítulos mais sedutores do livro é o que se refere à relação, verdadeiro cordão umbilical, entre os antigos estudantes e a sua Universidade. É um fenómeno sem paralelo, alimentado por uma perene relação afectiva que não é de fácil explicação. Contribuem para isso diversos factores. Cito alguns: o prestígio de uma das mais antigas universidades europeias; única no espaço português, incluindo o espaço ultramarino, até ao século XX já entrado; o mito em que, talvez por isso, se tornou; a atracção dos organismos circum-escolares - o Orfeão, a Tuna, o Teatro, a Briosa que nos faz sofrer quase todos os domingos; as reuniões de curso; a beleza inolvidável do próprio conjunto arquitectónico que rodeia o Pátio das Escolas, com a sua Torre, a sua Cabra, a sua Via Latina, a sua Biblioteca Joanina, a sua Capela, o seu Palácio Real, a esplendorosa vista sobre o Mondego (feia mesmo, só a estátua do Rei, que mais parece um daqueles cúbicos monumentos aos mortos da grande guerra); a canção de Coimbra, a mais lírica e romântica canção do folclore português. Tudo isso, prende os estudantes, por laços afectivos duradouros, à segunda Mãe que, para eles, a Universidade foi e permanece!

É claro que, hoje, a Universidade deixou de poder funcionar só no topo da colina em que Salazar escolheu mantê-la. Daí a necessidade de novos pólos fora do velho burgo medieval. Dois novos pólos funcionam já. Um terceiro vem aí. A família académica desgarrou-se assim geograficamente. Mas continua unida pelo velho espírito e pelas velhas tradições.

Lê-se com particular interesse e agrado o capítulo dedicado aos "indicadores de prestígio" da velha Universidade. Já referi alguns. Mas o Prof. Doutor Fernando Rebelo adiciona a esses muitos outros.

Cito, sem os esgotar, a procura de cursos por ela ministrados por um número crescente de alunos estrangeiros; a própria procura, por outras Universidades nacionais e estrangeiras, de doutorados por Coimbra; o crescente número de convénios e protocolos assinados com outros estabelecimentos de ensino superior, portugueses e não só; o número impressionante de visitantes de todas as origens e nacionalidades; o prestígio dos seus doutoramentos, curriculares e "honoris causa"; o resultado altamente honroso das avaliações à Universidade, à qualidade do seu ensino, e ao nível científico dos seus laboratórios (de investigação pura e aplicada).

O Prof. Doutor Fernando Rebelo não conseguiu silenciar, por mais que a modéstia o impelisse a fazê-lo, a profunda reorganização que levou a efeito, enquanto Reitor, com destaque para a criação de numerosas novas unidades de investigação, do Gabinete de Apoio à Investigação Científica, da Imprensa da Universidade (após 64 anos da sua extinção) de um Gabinete de Recursos Humanos, de um Gabinete de Registo de Patentes, e de actualização de todos os sistemas informáticos dos Serviços Centrais.

O livro debruçou-se ainda sobre as crises académicas e as respectivas causas, desde a crise de 1961/62 até aos nossos dias (o próprio autor fez greve em 1962) e sobre outros problemas avulsos como o das prescrições, o do insucesso escolar, o da polémica instalada sobre os Institutos Politécnicos e as Universidades, a previsível diminuição, no futuro, do número de alunos, a necessidade de criação de cursos médios e de reforço do ensino profissionalizante, do papel da Universidade na discussão das grandes causas do nosso tempo e do mundo actual, etc.

Referiu ainda os doutoramentos "honoris causa" como "a cerimónia mais bela do mundo", e algumas das personalidades de renome mundial agraciadas com essa distinção honorífica.

Resumindo: não um livro, mas um "curso" sobre a Instituição que os ministra. O equivalente, pois, embora com outro esmero editorial, da "sebenta" desse curso.

Publicando-o, repito, o Prof. Doutor Fernando Rebelo prestou a Coimbra, e à sua Universidade, um relevantíssimo serviço. Além dos muitos que já lhe tinha prestado."

Seguiram-se, em forma de "Coimbra d'Honra", os respectivos beberetes para convívio dos muitos participantes.

ESPAÇO PARA AS OUTRAS A.A.E.C.

I – MAIS UM ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM VALE DO SOUSA

No dia 13 de Março, do presente ano, aconteceu novo encontro da Associação.

Este ano além do convívio pretendeu-se reflectir sobre cidadania/solidariedade e instituiu-se o dia da Solidariedade Social do Antigo Estudante de Coimbra em Vale de Sousa.

Prestou-se Homenagem póstuma a António Nobre, na Quinta Pedagógica do Seixo em S. Mamede de Recezinhos, Penafiel, como poeta e antigo estudante de Coimbra que foi.

A Dr.^a Natália Cunha Matos e o Dr. José Manuel Magalhães Coelho, presidente de Direcção e Assembleia Geral respectivamente, tiveram a seu cargo toda a organização do evento, que reuniu mais de uma centena de pessoas oriundas dos mais diversos pontos do País.

Teresa Serra Granado, umas das condecoradas pelo Presidente da República no dia da Mulher, e do mesmo já tendo recebido o Diploma de Comendadora, para além de inúmeros louvores públicos recebidos a nível nacional e internacional, pela sua dedicação a crianças e jovens desprotegidos e mal tratados, durante toda a sua vida, Grande mulher de coragem e coração exemplar, pelo seu amor ao próximo, deu a esta Associação a honra de aceitar ser a sua terceira sócia Honorária.

Todo este encontro foi animado pela presença do Grupo Folclórico Pegadinhas do Ribeiral de S. Jorge de Vizela, Felgueiras, que desde a constituição desta Associação sempre se disponibilizou para os seus eventos, também estes com carácter solidário e altruísta, pretendendo agora a angariação de fundos para a construção da sua sede e centro de dia para os idosos da sua comunidade local.

Foram ainda entregues diplomas de reconhecimento de mérito pela A.A.E.C. em Vale de Sousa a pessoas que de alguma forma têm contribuído gratuitamente e com dedicação a causas ligadas à solidariedade Social, como a Cercifel e Cruz Vermelha de Felgueiras, Movimento Fé e Luz de S. Martinho Recezinhos de Penafiel, Escuteiros de Vinhais, a uma exemplar empresária no âmbito da Solidariedade para com os seus funcionários e Associação Pegadinhas do Ribeiral de Felgueiras pela sua dedicação aos outros na alegria e cultura.

Não podendo esquecer a alegria que foi transmitida às crianças presentes pelas figuras do Mickey e da

Minnie, também representados por uma idosa de 82 anos e seu neto de 25.

Trajando os seus fatos de orelhas, rabo e laço.

Dando azo à sua divertida imaginação, fazendo rir todos quantos no evento se encontravam.

Artigo escrito por

Dr.^a Zélia Souto



Maria Teresa Serra Granado, agora Sócia Honorária da A.A.E.C. em Vale de Sousa, coloca fita no Estandarte do Grupo Folclórico Pegadinhas do Ribeiral

II – JANTAR EM BRAGA DE HOMENAGEM ÀS REPÚBLICAS DE COIMBRA

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra, em Braga, levou a cabo, no passado dia 25 de Junho, uma Homenagem às Repúblicas de Coimbra. Esta homenagem inseriu-se numa série de actividades temáticas que a AAEC em Braga tem vindo a desenvolver, no sentido de reunir, com alguma frequência e em diversas localidades, antigos estudantes de Coimbra, residentes no Norte do País. Na procura de temas que pudessem interessar a um grande número de antigos estudantes, surgiu a ideia de abordar um tema, talvez um pouco esquecido: as Repúblicas de Coimbra. Pretendia-se, em primeiro lugar, homenagear aquelas que, nas palavras da nossa Presidente "foram, para muitas e muitas gerações, a segunda casa, uma escola de vida, num período breve, mas tão intenso, da vida universitária". Em segundo lugar, queríamos reunir antigos "Repúblicos", hoje dispersos pelo País nas mais diversas actividades, e na pessoa dos quais as Repúblicas de Coimbra seriam homenageadas e trazidas à lembrança nas histórias e vivências que os "Repúblicos" quisessem relembrar. Todas as Repúblicas, que apesar das muitas dificuldades ainda sobrevivem em Coimbra, foram contactadas e convidadas a estar presentes. Não puderam, ou não quiseram, enviar um representante a

Braga e nem sequer responderam, à excepção de uma, ao nosso convite. Mesmo assim, com a colaboração dos Presidentes das diversas Associações de Antigos Estudantes de Coimbra e de antigos "Repúblicos", entre os quais destacamos, desde o primeiro instante, o Sr. Dr. Almeida Santos, conseguiu-se reunir em Braga mais de cem pessoas, num Jantar de Homenagem às Repúblicas de Coimbra nas pessoas de vinte e dois antigos "Repúblicos", aos quais foi entregue uma pequena lembrança alusiva ao momento. Alguns dos que não puderam vir estiveram presentes nas mensagens que nos enviaram e que foram lidas após o jantar.

Orgulhamo-nos de ter podido contar com a presença de D. Eurico Dias Nogueira, Arcebispo de Braga jubilado, do Magnífico Reitor da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Seabra Santos, do anterior Reitor, Professor Doutor Fernando Rebelo, do Dr. Almeida Santos e da Dr.ª Teresa Carreiro, jovem professora e investigadora na Universidade de

Coimbra e autora do livro "Viver numa República de Estudantes de Coimbra". Todos eles proferiram uma alocução relativa ao momento, e no final, como não podia deixar de ser, ouviu-se e cantou-se o fado e a canção de Coimbra.

Durante o jantar pudemos ainda rever as Repúblicas de Coimbra nas imagens recolhidas e ali projectadas por um elemento da nossa Direcção. Também dispúnhamos de uma pequena amostra de publicações relativas a Coimbra e às Repúblicas para consulta dos presentes.

Foi muito gratificante ver, entre tantos amigos de Coimbra reunidos em Braga, os presidentes das AAECs do Porto, de Lisboa, do Alto Mondego e da Madeira e antigos Repúblicos vindos de todo o país com os seus familiares. Cremos que valeu a pena!

Isabel Martins

Direcção da AAEC em Braga

VISITAS LOCAIS

Iniciadas em Março de 2004, estas visitas continuam a despertar o interesse dos nossos Colegas. Para "aguçar o apetite" dos que ainda não se decidiram a acompanhar-nos, relembramos as do 1º semestre deste ano, algumas das quais excederam o número máximo de participantes fixado, o que causou algum embaraço, foi contudo um óptimo indicador.

Tal como nas anteriores visitas, como guias tivemos os próprios conservadores dos museus, ou técnicos superiores de grande competência.

13 de Janeiro de 2005 – Museu da Sociedade de Geografia, com riquíssimo acervo proveniente principalmente das ex-Colónias.

15 de Fevereiro – Museu Militar, onde para além do magnífico edificio as colecções de pintura e de armas foram muito apreciadas.

10 de Março – Museu e Igreja de S. Vicente de Fora, detentor de tal riqueza arquitectónica, em arte sacra e em azulejaria, que foram feitas duas visitas.

5 de Abril – Fundação Calouste Gulbenkian, numa visita com explicações muito detalhadas sobre as melhores peças das Colecções de Arte Egípcia e Oriental.

13 de Maio – Exposição 7 000 Anos de Arte Persa, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Extraordinária mostra de Arte Persa, com peças de valor incalculável, algumas das quais saíram pela primeira vez do Irão.

18 de Junho – Palácio Nacional da Pena, Sintra. Um

dos mais visitados palácios portugueses, idealizado pelo Rei Artista D. Fernando II e construído sobre ruínas de um convento de frades Jerónimos, é, em conjunto com o parque circundante, marco do movimento romântico em Portugal. Óptimo almoço em S. Pedro de Sintra, que se seguiu à visita, foi o "fim de festa" ideal antes das férias de Verão.

Esperamos por ti nas próximas visitas!

Maria Claudina Castel-branco

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2005 (até Junho) foram:

Dr. Ramiro Carvalho Marques dos Santos, Sócio 1196;

Dr. Luís Nuno Gomes Pires Cabral, Sócio 1197;
Eng. José Armindo Simões Nogueira, Sócio 1198;

Dr.ª Maria dos Anjos Cipriano Falcão, Sócio 1199;

Dr.ª Maria ngela Vilhena Pereira da Silva, Sócio 1200;

Dr. Jorge Augusto Pais do Amaral, Sócio 1201;
Dr.ª Maria Solange Gonçalves Valente, Sócio 1202;

Dr. Fernando Manuel Martins Xavier, Sócio 1203;
Eng. Ricardo Manuel Gomes Figueiredo, Sócio 1204

e

Dr.ª Dina Pinto Roque "Cyombra", Sócio 1205.

OS NOSSOS PASSEIOS

Cá Dentro

I - FIM-DE-ANO NA MADEIRA

**de 27 de Dezembro de 2004
a 2 de Janeiro de 2005**

A AAECL participou na viagem de *Fim do Ano à Madeira*, que decorreu de 27.Dez.04 a 02.Jan.05, organizada pelos *Antigos Tunos da Universidade de Coimbra* que comemoraram o 20º Aniversário da sua fundação.

A comitiva era constituída por cerca de 200 participantes, dos quais 66 eram da AAECL, que tiveram a oportunidade de conviver e divertir-se de forma franca e alegre durante essa bela semana passada na nossa Pérola do Atlântico, cada vez mais bonita.

Com uma comitiva tão extensa houve que dividir a ida para a Madeira (tal como a volta) em 2 grupos.

O primeiro voo efectuado na noite de 26: Dezembro foi fundamentalmente constituído pelos elementos da *Orquestra dos Tunos* e respectivos instrumentos musicais (alguns de grande porte) e o segundo voo na manhã de 27: Dezembro transportou o grosso da coluna.

Ficámos todos alojados no *Hotel dos Jardins da Ajuda*, próximo do Lido, e o primeiro dia o dia 27 foi destinado a assentar arraiais, a rever amigos e conhecidos, a dar os primeiros giros pelo exterior, a iniciar novas convivências sempre tão salutares.

Durante os dias ali passados as pessoas dividiram-se em grupos de acordo com as suas amizades e preferências e percorreram o Funchal, vendo os seus monumentos, admirando os seus jardins, embrenhando-se pelos locais públicos, descansando nas suas esplanadas, e petiscando os belos acepipes que naquela ilha são tão comuns.

Todavia era preciso animar as noites, tornar o grupo homogéneo, promover novos contactos, animar a malta (como dizia o Zeca Afonso).

Como os Tunos levaram consigo a orquestra, o conjunto de tangos e o grupo de fados e guitarradas e como se mostraram abertos e desejosos a que colaborássemos conjuntamente com eles na organização de Serões culturais e tertúlias, que não estavam previstas no Programa, houve a possibilidade de realizar serões de convívio, no salão principal do Hotel, praticamente todas as noites, que foram do agrado geral e que contribuíram para um balanço final francamente positivo da viagem.

Assim:

No dia 28 à noite realizou-se um primeiro Sarau

Académico que começou com alguns trechos musicais a cargo de elementos da orquestra dos tunos, continuou com o conjunto de tangos que deu azo a que logo ali se improvisasse um baile à moda das pampas e em que a nossa querida Presidente Fátima Lencastre botou *faladura* ao anunciar a projectada viagem à Argentina e Terra do Fogo que fez causar espanto e curiosidade na assistência.

No dia 29 à noite foi organizada uma Tertúlia designada "*Musica, Poesia e Canto*". Preenchida a contento geral por trechos de *acordeon*, declamação de poesias por vários espontâneos e mais uma Serenata de Coimbra a finalizar.

No dia 30 realizou-se um passeio à Ilha que incluiu o Cabo Girão, a Ribeira Grande, Porto Moniz e São Vicente que deu a oportunidade, a quem não conhecia, de admirar a outra parte da Madeira que sendo diferente não é menos surpreendente que o Funchal.

À noite realizou-se o anunciado espectáculo público dos *Antigos Tunos no Teatro Funchalense*.

Actuou a Orquestra dos Tunos dirigida pelo maestro Augusto Mesquita e o grupo de Fados e guitarradas que encantaram a vasta audiência que enchia aquela sala de espectáculos.

No dia 31 foi a tão esperada Passagem do Ano. Começou por um lauto jantar *buffet* no Hotel, seguido da assistência ao fogo de artifício visto dos terraços do mesmo e finalizado por um Baile ao som de boa música pela noite fora em que a confraternização atingiu o máximo de alegria e de espontaneidade.

No dia 1: Janeiro à noite realizou-se a última Tertúlia sob o tema "*Coimbra dos anos 50*".

Com a apresentação sempre bem-humorada do Paquim, o Gonçalo Reis Torgal começou por dissertar sobre o seu último livro "*Coimbra. Boémia da saudade*" que constitui um notável repositório de recordações da nossa cidade do Mondego no tempo em que ele e nós andávamos por lá.

O Hélder Rodrigues fez uma palestra sobre "*o Cinema em Coimbra nos Anos 50*", que nos fez reviver como era ir ao Cinema em Coimbra, naquela época doirada em que o cinema atingiu o seu apogeu e era o encanto dum vasto público que enchia por completo o *Avenida*, o *Tivoli* e o *Sousa Bastos*.

Depois chegou a vez de se prestar uma singela homenagem ao nosso guarda-redes da *Académica* dos anos 50, Orlando Ramin (que vive na Madeira) que tendo sido recebido com grande ovação por parte da assistência contou algumas estórias bem saborosas daqueles tempos em que para se ser jogador de futebol da *Briosa* era primeiro que tudo necessário que se fosse estudante.

Finalmente alguns colegas nossos com maior veia poética declamaram poemas de autores portugueses a maior parte dos quais relacionados com Coimbra. No dia 2 o já consagrado festejo do aniversário do Carlos Rocha (que insiste em fazer anos sempre nesta altura e em receber os presentes típicos do local).



O Aniversariante cada vez mais jovem...

A festa estava a chegar ao fim....

Os primeiros participantes regressaram a Lisboa ainda nessa noite, logo a seguir à Tertúlia, e o 2º voo realizou-se no dia seguinte 2. Janeiro, tendo chegado a Lisboa a meio da tarde.

Depois, e a finalizar, foram os abraços, os beijinhos e as despedidas no Aeroporto até a uma próxima viagem tendo todos ficado com a satisfação de uma semana académica bem passada.

Helder Rodrigues

II - PASSEIO DA PRIMAVERA "FESTA DO SENHOR SANTO CRISTO DOS MILAGRES - AÇORES"

de 23 de Abril a 2 de Maio de 2005

Segundo Damião Peres, descoberto em cerca de 1427 por Diogo Silves, o arquipélago teve desde então um importante papel na nossa História. Foi escala das naus vindas da Índia (o que lhe custou fortes ataques corsários), deu apoio às expedições da rota das Américas e, durante o domínio Filipino, foi o último bastião da resistência contra Espanha, com a grande Batalha Naval frente a Vila Franca do Campo, em São Miguel. Também a Revolução Liberal de 1820 teve nos Açores larga adesão, tendo D. Pedro IV aí formado o governo presidido pelo Duque de Palmela, em 1832. Mais recentemente, no

decurso das duas Guerras Mundiais, foram os Açores vitais para os aliados graças à sua privilegiada localização geográfica. Berço de figuras de grande relevo nas Artes, Literatura, Ciência e Política, a contribuição dos Açores para a cultura Portuguesa tem sido notável. Impunha-se, portanto, organizar uma nova expedição àquelas ilhas, para aprender com as suas gentes e desfrutar das maravilhas da Natureza que elas encerram. Para tal, a nossa Presidente (de pronto cognominada na Terceira "Dona Maria") socorreu-se das sugestões e influências de um ilustre Açoriano - o nosso Eduíno - que, com muito saber e gosto, ajudou a que a nossa invasão fosse um sucesso.

Assim, dia 23 aterrámos no aeroporto das Lajes e seguimos para o hotel *Angra Garden* em **Angra do Heroísmo**, cidade Património da Humanidade, desde 1983. Após o almoço houve tempo para visitar a cidade que nos faz recuar aos séculos XVII e XVIII, com as suas casas, solares e Igrejas, esmeradamente recuperadas. As casas de bordados foram a tentação de muitas damas, tal como seria de esperar...

No dia seguinte, na volta à ilha, a típica paisagem verde de "manta de retalhos" salpicada pelos lindos e coloridos Impérios do Espírito Santo, e o branco casario, a todos encantou.



Império de S. Sebastião

O almoço na *Quinta do Martelo*, autêntico Museu Etnográfico, e o jantar na adega *Lusitânia* deram-nos o melhor da gastronomia local e, para culminar, um magnífico grupo de violas e cantares com excelentes executantes e belíssimas vozes, animou o jantar.

Dia 25, a meio da manhã, aterrámos na **Ilha do Faial** e instalámo-nos no hotel *Faial* que ocupa os edifícios da antiga Companhia Inglesa de cabos submarinos. De tarde, na visita à ilha, a Caldeira do Pico (cratera com cerca de 2 km de diâmetro e 400 metros de profundidade, com vegetação luxuriante e classificada como reserva natural), a vista magnífica para o Pico e S. Jorge e o vulcão dos Capelinhos foram os pontos de maior interesse. De volta à

cidade da Horta tivemos uma surpresa inesquecível: o Miguel Loureiro (um dos ilustres Mijanas), com imenso carinho a todos recebeu na sua bela casa, com a melhor vista para o Pico, a baía e a marina. Sempre com música coimbrã e muita amizade, que mais poderíamos desejar? Bem hajas Miguel! Para finalizar um dia magnífico, um óptimo jantar no *Capote* e uns copos no *Peter's Café*.



Depois dos copos...

No dia 26, embarque para o **Pico** com o mar de feição. As vinhas plantadas em solo de lava, protegidas dos ventos por paredes de pedra vulcânica (as curraletas), actualmente classificadas como Património Mundial da Humanidade (e continuando a produzir um vinho que já foi o preferido dos Czares), dominam a paisagem. Também os Mistérios (grandes escorrências de lava de antigas erupções vulcânicas), os moinhos flamengos, a Lagoa do Capitão, a Vila das Lajes, com o seu Museu da Indústria Baleeira causaram grande entusiasmo. Finalmente, prova de vinhos na Adega e a visita a uma queijaria artesanal, com as previsíveis compras, agradaram a todos.

No dia 27 choveu mas, intrépidos exploradores lá fomos numa visita à cidade, pelas ruas de belas casas dos séculos XVIII e XIX. Neste percurso tivemos oportunidade de admirar a Matriz, antiga *Igreja de N. Senhora dos Prazeres do Colégio dos Jesuítas*, cuja construção remonta a 1680 e exhibe telas e imagens de grande valor artístico. De seguida rumámos ao *Museu de Arte Sacra*, sito no *Convento de S. Francisco*, cujo espólio apresenta importante estatuária religiosa de origem flamenga dos séculos XV e XVI e, também, uma interessante colecção de miniaturas, em miolo de figueira, um artesanato típico da região. Prosseguimos passando pela Sociedade Amor da Pátria, fundada em 1859 como clube recreativo, e onde, paralelamente, funcionava a loja *Maçónica Amor da Pátria*. O seu actual edifício, *Art Déco*, data de 1939 e é obra do arquitecto Norte Júnior. Uma passagem pela muralha de S. Sebastião, Porto Pim, e a marina mais colorida do mundo, onde todos os iatistas cumprem a tradição de deixar nas paredes uma pintura identificativa do seu barco, antecederam uma noite memorável.

O Presidente da Assembleia Regional dos Açores, o Senhor Dr. Fernando de Meneses, antigo estudante de Coimbra, teve a gentileza de nos oferecer, na sua residência oficial, uma recepção que excedeu as nossas melhores expectativas. Infelizmente, um problema de saúde impossibilitou a sua presença na recepção. Em sua representação, o Senhor Vice-Presidente da Assembleia Regional, Senhor Dr. Costa Pereira, bem como alguns deputados acolheram-nos numa recepção de grande requinte, que contou com a participação de um pianista. De seguida, improvisou-se um Sarau durante o qual fados cantados por colegas açorianos e a actuação do



Monumento ao Baleeiro

nosso grupo de *Expressão Teatral*, com poesia e um excerto de Gil Vicente, foram muito aplaudidos.

No dia 28 partimos para **S. Miguel** onde fizemos uma vista às estufas de ananases, à Vista do rei e à Vila das Sete Cidades, onde o tempo esteve contra nós... No dia seguinte fez-se a volta à ilha pela costa sul; na passagem por Água de Pau observámos um exercício de simulação de um sismo feito com alunos de uma escola primária. E, em Ribeira Seca, vimos como a vida é calma, com a população a deixar as chaves no lado de fora da porta! Continuando para Povoação e Nordeste, desfrutámos de autênticas paisagens alpinas sugerida pela floresta de criptomérias e quedas de água. De volta a Ponta Delgada, com passagem pelas furnas, tempo livre para visitar a notável *Igreja Matriz de S. Sebastião* iniciada em 1531, em estilo gótico mendicante, com decoração manuelina no exterior. No século XVIII sofreu obras de ampliação que justificam os elementos barrocos que nela também se encontram. Do tesouro que conserva no seu interior, destaca-se a colecção de paramentos do século XV, bordados a ouro.

Depois de um dia cheio de actividades culturais, esperava-nos ao jantar, uma tempestade com corte de electricidade! Os "doente da bola" que estavam a ver um jogo da *Académica* ficaram em *suspense*, pelo que o Nuno Tavares, de imediato, telefonou para Lisboa para saber o "estado da questão"!

Dia 30 foi o dia reservado à visita das Lagoas do Fogo e das Furnas, com almoço e passeio pelo Parque Terra Nostra e Caldeiras das Furnas. Ao excelente cozido feito em caldeiras que aproveitam o calor da terra e desenterrado à vista de todos, seguiu-se um passeio pelos jardins românticos do Parque Terra Nostra; estes jardins foram iniciados no século XVIII, por Thomas Hickling, e ampliados para os actuais 12,5 hectares de matas e jardins pelos subsequentes proprietários, os Viscondes da Praia e, depois, a Família Bensaúde. As caldeiras das Furnas com os seus geisers de água fervente e lamas medicinais, com destaque para a caldeira de Pero Botelho, a ribeira de água quente e as inúmeras fumarolas lembram-nos, de forma quase dramática, a origem vulcânica da ilha; este vale é uma das regiões hidrológicas mais ricas da Europa, com 22 fontes termais! No regresso a Ponta Delgada corremos para ver a passagem da Imagem do Senhor Santo Cristo, do Convento da Esperança para o Santuário.

A devoção ao Senhor Santo Cristo começou em Água de Pau, no Convento das Calrissas Franciscanas, da Caloura. A Ordem foi instituída por Bula do Papa Paulo III (ou Clemente VII, não há certeza),

a pedido de Senhoras açorianas que viajaram até Roma para a solicitar; com a Bula, ofereceu-lhes o Pontífice a Imagem do *ECCE HOMO* a qual, desde logo, teve lugar privilegiado no Convento. Com a mudança da comunidade, em 1541, para o Convento da Esperança, foi colocada em altar próprio, sendo cada vez mais venerada por influência da Madre Tereza da Anunciada que aí professou, em 1682. No terramoto de 1713 a imagem saiu à rua em procissão e, no instante em que caiu ao chão sem sofrer danos durante novo abalo, diz-se que, de imediato, a terra e o mar se acalmaram. Logo o povo, de joelhos, passou a designá-lo como Senhor Santo Cristo dos Milagres.

A Imagem, muito bela, não está datada mas, já no século XVI era considerada antiga. Ostenta no peito um relicário de enorme valor artístico, com um grande rubi, brilhantes e diamantes contendo um pedacinho do que se supõe ser o Santo Lenho. Ao longo dos séculos e com a difusão do culto, a Imagem foi sendo adornada com mantos e jóias ofertados pelos crentes; a coroa de espinhos, em ouro, datada de 1738, ostenta 1802 pedras preciosas; o ceptro ornado com ramos (decorados com brilhantes, esmeraldas e rubis) e espigas de trigo (com diamantes e brilhantes representando os grãos), está rematado por grande laço de ouro revestido a pérolas, ametistas, topázios e esmeraldas. As cordas que lhe atam as mãos, com 5,20 m de comprimento são compostas por cordões de pérolas enrolados e intercalados por uma corda de ouro entrançado. O resplendor de platina folheada a ouro, com 4,250 kg e 6842 pedras preciosas, tem representado todos os símbolos da paixão de Cristo. Foi executado em Lisboa, no século XVIII, sendo considerado a peça de arte sacra mais valiosa da Península Ibérica. A par destas peças, é o Senhor Santo Cristo detentor de inúmeras jóias doadas ao longo dos séculos e que constituem um tesouro de valor incalculável guardado no Convento.

A Imagem é transportada num trono do século XVIII, forrado a veludo e cetim bordado a ouro, decorado com flores de seda, sob um dossel de talha dourada cuja cúpula tem cinco laços de ouro, cada um rematado por duas borlas de ouro. O andor é ornamentado com cerca de 1500 flores feitas de seda, veludo, cetim e penas, com enorme perfeição. Complementam a decoração 36 belíssimos ramos com mais de 1000 flores. Estas flores feitas pelas freiras (e outras oferecidas em pagamento de promessas), começam a ser confeccionadas a seguir ao Natal, prosseguindo a ornamentação do andor dois dias após a Páscoa.

A visita ao Santuário e a Celebração Eucarística

foram momentos emocionantes que antecederam a extraordinária procissão a qual, durante mais de três horas, percorreu as ruas atapetadas de verduras e flores compondo elaborados desenhos, todos diferentes, e onde magníficos arranjos florais decoravam varandas e janelas. Em absoluto silêncio, governantes, autoridades, representantes de todos os organismos do arquipélago, penitentes, anjinhos, trinta e quatro bandas de música e, no fim, uma

multidão de crentes desfilaram atrás do andor em impressionante recolhimento, numa manifestação de fé extraordinária.

Finalmente, dia 2, sob a protecção do Senhor Santo Cristo, regressámos a Lisboa, já cheios de saudades da maravilhosa viagem que tão depressa tinha acabado. Aguardemos, pois, por uma próxima...

Maria Claudina Castel-branco

Lá Fora

I – VIAGEM DE VERÃO AO EGÍPTO/CHIPRE

de 4 a 16 de Junho de 2005
Participantes - 48

A 4 de Junho, pelas 14h20min, descolámos rumo a Amesterdão, para aí apanharmos o avião que nos deixou no Cairo, já de madrugada, e após 5 horas de voo. O **Cairo**, capital do Egipto, estende-se por mais de 35 km ao longo da margem oriental do Nilo e, nele vivem 16 milhões de habitantes, mas que durante o dia podem chegar aos 20 milhões.

No dia seguinte iniciámos a descoberta da terra dos faraós, visitando as Grandes Pirâmides ou **Pirâmides de Gizé**, impressionantes e imponentes construções, erguidas na imensidão do deserto, obras de Quéops, Quéfren e Miquerinos. Das três pirâmides, a maior é a de Quéops, com os seus actuais 137 m. É ainda um mistério a técnica usada para içar os pesados blocos de pedra que constituem as pirâmides e a precisão com que esses blocos se ajustam uns aos outros.



O grupo frente às Pirâmides de Gizé

Seguiu-se a visita à **Esfinge** do rei Quéfren, que completa o conjunto arqueológico de Gizé e é a sua principal atracção. O monumento tem a forma de um leão acorçado com uma cabeça humana e apresenta sinais evidentes de corrosão. Os estragos no rosto da Esfinge foram inicialmente atribuídos aos soldados do

exército de Napoleão, mas hoje pensa-se que são devidos à erosão dos ventos e aos treinos do tiro ao alvo, efectuados pelos mamelucos (antigos escravos turco-circassianos).

Depois do almoço saímos em direcção ao planalto desértico de Sakara, onde se encontra a antiga necrópole de Mênfis, a mais extensa de todo o Egipto. É também a mais importante, sob o ponto de vista histórico, pois aqui estão representadas as principais dinastias, desde a primeira até às das épocas ptolemaica e persa. Foi nesta necrópole que apreciamos a Pirâmide de Sakara (de Sokar, o deus do cultivo da terra), a primeira construção de pedra do país, a famosa pirâmide de degraus (6), com perto de 60 m de altura.

Seguimos para Mênfis (a 4 km de Sakara), a primeira capital, fundada pelo rei Menés, onde apenas se pode contemplar a estátua jacente de Ramsés II e uma bela Esfinge de alabastro. A estátua colossal de Ramsés II, de calcário, agora com cerca de 10m (devia ter 13m, mas faltam-lhe partes da coroa e dos pés); está numa Casa-Museu, construída para o efeito.

O dia terminou numa "Escola" de tapetes e loja de papiros, onde se "arejaram" alguns euros...

Na manhã seguinte (6 de Junho) partimos de autocarro, com polícia a bordo..., a caminho de **Alexandria**, a 240km do Cairo. Alexandria, situada no delta do rio Nilo, cidade cosmopolita, de estilo mediterrânico, com as suas belas avenidas e os seus edifícios "engalanados" com varandas de ferroforjado, causou-nos uma excelente impressão.



Alexandria – ruínas romanas

Bem perto do local onde existiu a famosa biblioteca, mandada construir por Ptolemeu I, ergue-se agora a **Moderna Biblioteca**, inaugurada em Outubro de 2002, e por nós visitada.

A Biblioteca, em forma de disco, com sete andares e capacidade para 35 milhões de livros, é muito espaçosa e luminosa (as janelas em forma de olho permitem o escoamento da água, através das pestanas...).

Para melhorar a acústica existem orifícios no seu interior, no qual usaram granito preto de Abu Simbel. Almoçámos num restaurante, em frente ao mar, e de regresso ao Cairo, visitámos o **Mosteiro de St. Bishoy**, ortodoxo-copta, onde vivem 160 monges. Após o jantar no hotel fomos assistir a um espectáculo de som e luz, junto às pirâmides de Gizé. Foi um espectáculo muito agradável, com uma história bem elaborada, uma excelente narração, um som fantástico e um soberbo sistema de luzes.

Pela manhã do dia 7 visitámos o **Museu do Cairo**, detentor de um espólio riquíssimo da História faraónica, mas em que os nossos olhos se extasiaram perante o tesouro do faraó Tutankhamon, que morreu muito jovem. De entre todos os ornamentos fúnebres encontrados no interior do túmulo (descoberto a 4 de Novembro de 1922 por Howard Carter), sobressai, pela sua beleza, o sarcófago do faraó. Na realidade o corpo do rei estava colocado num ataúde de ouro maciço (200kg de ouro incrustado com lápis-lázuli, turquesas e cornalinas) envolvido por outro de madeira e finalmente por um terceiro, também de madeira dourada.

São jóias maravilhosas (anéis, pulseiras, colares e...), mas a máscara de ouro de Tutankhamon, com embutidos de esmalte e lápis-lázuli, é um autêntico fascínio...

Depois do almoço passámos pelo "cemitério dos vivos", assim chamado porque entre 1970 e 1980 (anos de má economia do país), cerca de 1 milhão de egípcios viveu nos cemitérios, junto aos túmulos dos seus familiares. Ainda hoje lá vivem 100 000 egípcios, que não quiseram abandonar a cidade.

Prosseguimos até à **Cidadela**, mandada construir por Saladino, onde se encontra a **Mesquita de Mohamed Ali** (também conhecida por mesquita da cidadela ou de alabastro), de estilo otomano.

A entrada na mesquita foi bloqueada pelo "paralelo verde", mas só para as mulheres que se apresentaram "indecorosas" (decotadas, sem mangas, joelhos destapados e aberturas nas saias). As fundamentalistas logo nos obrigaram a envergar uma vestimenta verde, como se fôssemos todas do *Sporting*! Não havia escolha! E os homens puderam entrar de calções! Já se viu tal discriminação?

À noite jantámos a bordo de um pequeno cruzeiro no Nilo, acompanhados por danças orientais.

O 5º dia da viagem (8 de Junho) chegou muito cedo... Eram três horas e meia quando soou o toque do telefone... Assuão a quanto nos obrigaste!

Voámos até **Assuão**, cujo desenvolvimento se deve à construção da grande barragem, com 981m de altura e com o maior lago artificial do mundo, o lago Nasser, com 110m de profundidade. De barquito fomos à **Ilha de Agilka** ver o **Templo de Philae**, dedicado à deusa Ísis. É um templo da época ptolemaica, muito bem conservado. Os monumentos da ilha de Philae foram transferidos para a ilha de Agilka, que por intervenção da UNESCO foram salvos das águas da barragem de Assuão.

Subindo muitos degraus e sob um calor tórrido visitámos o **Obelisco Inacabado**. Em seguida dirigimo-nos para o barco M/S Crocodilo, onde almoçámos.

Ao fim da tarde fomos navegar no Nilo, transformado em lago, de águas calmas, graças à barragem, enquanto íamos apreciando o panorama – os túmulos dos nobres de Elefantina, a casa e o mausoléu de Aga Khan, o mosteiro copta de S. Simeão e a Ilha Elefantina. A navegação foi efectuada em faluas de velas desfraldadas e manobradas por núbios (de raça africana).

Durante o trajecto ainda tivemos som de pandeireta, cânticos e venda de colares e bugigangas...

No 6º dia de viagem, já em pleno cruzeiro pelo Nilo, e bem cedo, apanhámos o avião até **Abu Simbel** (em território núbio e a uns 300km de Assuão).

Chegara a hora de ver a mais bela e monumental construção do maior faraó do Egipto – Ramsés II, o grande. O **Grande Templo** está escavado na rocha até uma profundidade de mais de 60m, tendo no exterior uma imponente fachada com os quatro colossos do faraó, sentado no seu trono com as mãos pousadas nos joelhos. É dedicado à tríade de Amon-Rá, Harmakis e Ptah. Ao lado das pernas dos colossos estão estátuas mais pequenas, de sua mulher Nefertari e de alguns filhos (teve 169 e morreu aos 94 anos).

As estátuas de Ramsés II, com os seus 20m de altura, dominam por completo a fachada!

No interior, a seguir a um vestíbulo, entra-se numa sala flanqueada por oito estátuas do rei, quatro de cada lado, sala essa que está decorada com frisos, que representam as campanhas militares do faraó.

Perto do Grande Templo encontra-se um outro mais pequeno dedicado a Nefertari (a sua esposa mais amada) e à deusa Hathor, a deusa do amor.

Ao visitarmos Abu Simbel ficamos com duas enormes certezas – uma majestosa obra de Ramsés II e uma não menos extraordinária obra de engenharia, que permitiu transferir para este local os monumentos, que assim escaparam às águas da barragem e que a todos maravilhou. E tivemos a grata consolação de reconhecer que a Agência soube compensar-nos da troca (imprevista) do barco, acordado, por outro um

pouco inferior com a troca do transporte de autocarro (6 horas de viagem), que estava acordado, por avião, que tornou esta deslocação mais fácil e proveitosa. Neste dia fomos ainda visitar o **Templo de Kom-Ombo**, dedicado a Sobeq, o deus crocodilo, e a Haroéris (quer dizer Hórus), o deus solar guerreiro. Trata-se de um templo com duas entradas, formado por dois templos justapostos, sendo o da direita dedicado a Sobeq e o da esquerda a Haroéris. É da época greco-romana e foi construído pelos ptolemeus. À noite tivemos a festa da "Jalada" e a azáfama foi enorme para a aquisição do traje egípcio mais brilhante e mais belo, com que a maioria se apresentou. Também festejámos, antecipadamente, o dia de Camões, com um grupo de portugueses que partia no



Barco – Festa do traje típico (Jalada)

dia seguinte e com a colaboração dos egípcios, que abrindo o cortejo com a bandeira portuguesa bem erguida, iam circulando pela sala ao som de pandeiretas e cânticos. No final, e bem afinados, cantámos o Hino Nacional.

No dia 10 de Junho, dia de Portugal, começámos por visitar o **Templo de Edfu**, o mais bem conservado de todo o Egipto e consagrado a Hórus. É da época ptolemaica e pelas suas grandiosas dimensões é, depois de Karnak, o segundo templo do Egipto. Duas estátuas, de granito preto, representando o deus Horus, em forma de falcão, guardam a entrada do templo.

Depois do almoço saímos de autocarro para visitar o **Templo de Esna**, templo ptolemaico, dedicado a Khnum, o deus com cabeça de carneiro e protector da humanidade.

Seguimos para o **Vale dos Reis**, local onde se encontram os túmulos dos reis das dinastias XVIII, XIX e XX. É uma zona isolada e desértica no norte da extensa necrópole de Tebas, na margem ocidental de Luxor.

Foram descobertos 62 túmulos (tantos quantos os reis), mas todos foram saqueados com excepção do túmulo do jovem rei Tutankhamon, cujo espólio pudemos admirar no Museu do Cairo. Visitámos o **Túmulo de Ramsés IV**, que com mais de 3 200 anos é um dos mais bem conservados. As suas pinturas

reproduzem imagens do "Livro das Portas", do "Livro dos Mortos" e de astronomia.

Apreciámos, também, o Túmulo de Ramsés VII, que apresenta cenas tradicionais das oferendas do rei à deusa Hathor e ao deus Osíris. Um especial destaque para uma cena representando os quatro filhos do deus Hórus, que eram os responsáveis pela protecção dos órgãos (fígado, estômago, pulmões e intestinos). Vimos ainda cenas do "Livro das Portas" e do "Livro da Terra".

Dirigimo-nos depois para o **Vale das Rainhas** (a cerca de 1,5km) para visitar o templo funerário da rainha Hatsheput, uma das mais grandiosas rainhas do Egipto e que reinou quase 20 anos.

Já a caminho de Luxor deparámos com os **Colossos de Memnon**, duas estátuas gigantescas, de cerca de 20m de altura, que representam o faraó Amenófis III, sentado no trono e com as mãos nos joelhos.

O **Templo de Luxor**, situado na margem oriental do Nilo é um exemplo do esplendor da Antiga Tebas e foi dedicado a Amon-Rá, o deus Superior, o deus Sol e também a sua mulher Mut e o seu filho Khonsu.

A sua construção foi iniciada por Amenófis III e concluída por Ramsés II, que lhe acrescentou os pilões da fachada, as seis estátuas colossais, de granito, os obeliscos e o pátio com colunas. Na antiguidade o templo de Luxor estava ligado ao templo de Ramon-Rá, em Karnak, por uma extensa avenida adornada de esfinges. Este dia terminou com o jantar no barco e a celebração do dia de Portugal, com recitação de versos de Camões, Fernando Pessoa e, naturalmente cantando a Portuguesa.

No dia seguinte (11 de Junho) visitámos o **Templo de Karnak**, que na realidade é um complexo arquitectónico religioso formado por vários templos dedicados à tríade de Tebas (Amon-Rá, Mut e Khonsu) e a outras divindades egípcias. É uma obra monumental, imponente e complexa (quase todos os faraós decoraram o templo). O templo de Amon-Rá é o principal e o mais bem conservado, sendo a parte mais extraordinária a sua sala hipóstila com 102m de largura e as suas 134 colunas altas. É só o maior templo de colunas em todo o mundo!



Karnak – monumento ao deus escaravelho

Em Luxor apanhámos o avião para o Cairo, indo direitinhos aos "souks", onde regateámos, comprámos, mas vigiando sempre...

O dia 12 de Junho amanheceu cedíssimo, quase à hora de deitar... Sim, o levantar deu-se pelas 2 horas da manhã, pois o avião esperava-nos no aeroporto para nos levar ao Chipre. À chegada a **Larnaca** (na parte sul da ilha, segunda cidade do país) ofereceram-nos um doce e um cravo, encaminhando-nos, depois, para o autocarro, que nos serviria de transporte durante a estada no Chipre.

Começámos por visitar a praia das palmeiras, seguindo-se a **Igreja de S. Lázaro**, a catedral ortodoxa. Pudemos apreciar belos ícones de madeira dourada, os tronos do patriarca (à direita) e os das pessoas ilustres (à esquerda), bem como o sarcófago de S. Lázaro, na cripta. Saindo de Larnaca, fizemos a primeira paragem em **Choirokoitia**, considerado património mundial, pela UNESCO. É um conjunto arqueológico, situado no cimo de uma colina, constituído por habitações de pedra, de forma circular, normalmente com 1,5m de altura, que data do período neolítico. Continuando a viagem atingimos **Limassol**, onde nos alojámos. Limassol, fundada por missionários gregos, é uma cidade moderna e muito turística, sendo procurada em especial por ingleses.

Na manhã do dia 13 de Junho efectuámos uma visita à cidade, passando, entre outros locais, pelos jardins públicos (onde se realiza a festa do vinho), igreja católica de S.ta Catarina, igreja ortodoxa Virgem Maria dos Bosques e pelo porto. Atravessando uma zona de plantações de citrinos e de vinhas (**Phassouri**), chegámos ao **Castelo de Kolossi**, cercado por numé-rosas vinhas e cana de açúcar, construído no séc. XIII. O castelo foi ocupado pelos *Cavaleiros da Ordem de S. João de Jerusalém* que o transformaram rapidamente na maior propriedade dos *Cruzados de S. João* – A Grande Comandaria -. Este nome chegou, até aos dias de hoje, sob a marca "Koumandaria" atribuída a um vinho açucarado produzido nesta região. O castelo foi reconstruído no séc. XV e é um exemplo notável de arquitectura militar. De realçar no salão, um fresco simbolizando a crucificação de Jesus. Prosseguindo a viagem entrámos na **Limassol antiga** para visitar o **Castelo**, construído pelos bizantinos no séc. XII e hoje abrigando o **Museu Medieval do Chipre**.

Do acervo do museu constam peças de cerâmica, armaduras, moedas, cruzes ortodoxas, brasões dos responsáveis das famílias francesas e venezianas. Vimos a capela e a sala onde se realizaram as núpcias de Ricardo Coração de Leão e Berengaria de Navarra. Almoçámos no restaurante Porta, sendo o melhor prato o *festejo a S.to António*...

De facto, o improvisado foi rápido e logo apareceram os cânticos a S.to António e demais Santos populares, os

cânticos alentejanos e outros. Bem nos divertimos, assim como os ingleses presentes, que muito nos aplaudiram.

No final e, porque a nossa actuação merecia recompensa, alguém, com o seu jeito especial, passou o chapéu pela mesa dos ingleses, na mira de alguma moedita, mas eles limitaram-se a sorrir... A 14 de Junho saímos em direcção a **Nicósia** (Lefkosia em grego), a capital do Chipre, com uma população de 185 mil habitantes e que desde 1974 (invasão turca) está dividida em duas, ocupando a Turquia 37% da área da ilha. Ao chegarmos à capital entrámos pela **Porta da Famagusta**, de estilo veneziano. Iniciámos a visita pela **Catedral de S. João**, do séc. XVII, construída sobre ruínas. A igreja não tem cúpula, a sua estrutura é simples, mas de uma enorme riqueza, realçando-se os frescos maravilhosos, em especial o que alude ao Juízo Final e os ícones de madeira dourada e trabalhada representando cenas da Bíblia.

Muito perto da linha de demarcação, situa-se o **Museu Arqueológico**, digno de visita. O museu é albergue da herança cultural de 9 000 anos, com achados representativos, que datam da época neolítica até à época bizantina. Pudemos observar a evolução histórica de arte em Chipre (cerâmica, escultura e arquitectura). Na escultura de salientar a cabeça de Afrodite, e uma grande estátua de bronze do imperador romano Septímio Severo.

Depois do almoço em Laiki Jitonia, um quarteirão do séc. XIX com lojas, casas e tabernas, subimos ao **Observatório Lédra**, de onde se avista a parte ocupada pelos turcos, que abrange a Catedral de S.ta Sofia. Prosseguindo viagem chegámos a **Lefkara**, a montanha branca, famosa pelas suas pratas e rendas feitas à mão (tipo veneziano). À noite um jantar com espectáculo cipriota.

Já na recta final da viagem (15 de Junho) partimos em direcção a Pafos, na parte norte da ilha, para visitarmos **Curium**, um lugar greco-romano, situado no cimo de uma colina, donde se desfruta uma extraordinária panorâmica. Pudemos admirar um teatro soberbo, em anfiteatro, onde ainda hoje se realizam várias manifestações culturais.



Curium – teatro greco-romano

Na **Casa de Eustolios**, próximo do teatro, observámos mosaicos que representam símbolos cristãos (peixes e aves – a ave escura simboliza a morte e a ave clara simboliza a vida pura cristã).

De autocarro, chegámos a **Petratou Romiou** (a pedra do grego), o local lendário onde nasceu Afrodite, a deusa do amor, que emergiu das ondas do mar. Seguindo até **Pafos**, que significa luz, entrámos nas **Catacumbas de Ayia Solomoni**, da época helenística e romana. Era um lugar sagrado, e os primeiros cristãos acolhiam-se aqui receando que os matassem. De registar a presença de lenços e pedaços de tecido agarrados a uma árvore, que se encontra à entrada das Catacumbas. Pensam os autores de tal proeza que assim serão protegidos e curados de doenças.

Vimos ainda a **Coluna de S. Pedro**, com a inscrição relativa ao local onde foi açoitado e os mosaicos de uma antiga basílica cristã, construída no séc. V.

De tarde e após o almoço, visitámos a **Casa de Dionísios**, do séc. III AC, de belos mosaicos com temas alusivos a cenas de caça e de animais, personagens e cenas da mitologia grega, como Narciso, as quatro

estações, o triunfo de Dionísios, os filhos de Helena de Tróia, entre outros.

O dia teria terminado com um jantar em taberna típica (no campo, percorrendo caminhos acidentados e a cerca de 1 hora de distância de Limassol), com músicas e danças gregas, se após umas "peripécias" não se tivesse resolvido deixar tudo e todos e regressar ao local de partida. Não ficámos sem jantar, pois uma taberna cipriota esperava-nos em Limassol...

Deixámos o Chipre, pela manhã do dia 16 de Junho, voando até Amesterdão. E, para que a "seca" no aeroporto não viesse agravar a seca que o país atravessa, a maioria foi passear à cidade de Amesterdão. Além do agradável passeio, foi deliciosa a tarde, sentada na esplanada, ouvindo música e assistindo a cenas acrobáticas.

Finalmente o regresso a Lisboa, as despedidas habituais e a esperança de novos encontros em futuros passeios.

Maria Guerra Prazeres

JANTAR/CONFERÊNCIA

"João Paulo II e Bento XVI. A Misteriosa Vocação de Pedro"

Ocorreu no dia 23 de Maio no Hotel Avenida Palace, em condições especiais que foram proporcionadas pelo seu "dono", o nosso Sócio Ribeiro da Silva.

Após um jantar de luxo, a Dr.^a Aura Miguel, prestigiada jornalista da Rádio Renascença, falou-nos da sua vivência quase permanente no Vaticano:

"Viajar ao lado de João Paulo II e seguir fisicamente os seus passos foi, nos tempos que correm, como viajar na barca de Pedro... com a diferença de, agora, a barca ser um Boeing ou um Airbus! E sempre me impressionou este mistério: o de uma pessoa ser chamada a suceder ao apóstolo Pedro. Devo dizer que o facto de ter reflectido, aos longos dos últimos 18 anos de vaticanista, sobre o tema da vocação de Pedro, me ajudou a enfrentar as circunstâncias difíceis da agonia e morte de João Paulo II.

A última Semana Santa de João Paulo II

Nos primeiros dias de Fevereiro o Papa foi internado. Como todos sabem, a doença de Parkinson foi tomando conta da sua parte muscular, mas ele, apesar de imobilizado e muito dependente nos últimos anos, nem por isso deixou de viajar - e de viajar em contextos e realidades difíceis, que

implicaram uma grande disponibilidade da sua parte, como por exemplo o diálogo com o mundo ortodoxo na Grécia, em 2001, e na Bulgária, em 2002. Mas a sua saúde continuou a piorar e surgiram dificuldades em respirar e engolir. João Paulo II começou a correr riscos de asfixia. Por isso, foi internado de urgência. Mas o mais impressionante – e que, aliás, define o seu carácter – é que João Paulo II sempre disse não haver lugar na Igreja para um Papa em part-time, e que o Sucessor de Pedro era chamado a sê-lo até ao fim. Assim, mesmo nas circunstâncias mais adversas da doença, João Paulo II esteve sempre a trabalhar. Mesmo internado, e para desespero dos médicos, continuou a dar despacho: iam lá os cardeais e recebia os bispos, à semelhança do que fazia no Vaticano. Gradualmente, foi deixando de poder falar. Então, inventou uma modalidade para a tradicional oração do Angelus, ao Domingo: uma parte passou a ser lida na Praça de S. Pedro pelo Arcebispo Leonardo Sandri, Substituto da Secretaria de Estado, e depois o Papa aparecia, à janela do Hospital, para dar a bênção.

12 dias depois, João Paulo II, contra a vontade dos médicos, decide voltar para casa e começar a trabalhar, sem respeitar qualquer período de convalescença. Com uma saúde cada vez mais

instável, no dia 24 de Fevereiro, voltou a ser internado, em estado tão grave que tiveram de lhe fazer um buraco na traqueia. Ficou sem falar mas, mal saiu da sala de operações, pediu um bloco de notas e escreveu: "sempre totus tuus". Apesar de mudo, João Paulo II quis deixar a marca da sua maneira de viver: sempre consagrado a Maria, mesmo nas circunstâncias mais terríveis e dolorosas. Começou imediatamente com sessões de terapia, continuando a trabalhar no hospital. O cardeal Ratzinger, foi lá a despacho e, à saída, declarou: "O Papa actua com uma absoluta lucidez, o que é muito importante, tendo em conta as provações físicas que está a atravessar. A sua mente está lúcida e talvez agora o Papa tenha uma capacidade de discernimento ainda mais forte". João Paulo II passou, assim, a incorporar a dimensão do sofrimento, no seu pontificado. E, portanto, as suas limitações físicas (que para todos os efeitos seriam uma humilhação para quem foi tão vigoroso...), paradoxalmente, vieram reforçar ainda mais as suas capacidades de discernimento.

A sua saúde não registou melhoras e João Paulo II decidiu regressar a casa, na esperança de poder participar nas celebrações da Semana Santa. Foi publicado o calendário com as sete principais cerimónias e respectivas substituições do Santo Padre, excepto a bênção *Urbi et Orbi*, no Domingo de Páscoa, e a Via Sacra, na 6ª feira Santa. Logo no Domingo de Ramos as coisas não correram bem. Depois da missa, o Papa apareceu à janela para dar a bênção, com um raminho de oliveira na mão, mas péssimo de aspecto. Na quarta-feira Santa também apareceu à janela, mas não conseguiu falar. Finalmente, foi anunciado quem o substituiria na Via Sacra. Creio ter sido este um golpe muito duro para o Santo Padre, por reconhecer não ter condições para participar num dos momentos mais emblemáticos da Semana Santa.

E vale a pena contar um detalhe que ajuda a perceber a força de João Paulo II: A meio da Semana Santa, os padres que tratam da sacristia da Basílica de S. Pedro conseguiram saber que o Papa tinha sessões diárias de terapia, na esperança de conseguir proferir a bênção *Urbi et Orbi*. E que o fazia com enorme tenacidade, apesar dos seus graves problemas de saúde.

Esta liberdade com que João Paulo II viveu estes últimos momentos impressionou o mundo inteiro. E não só o mundo católico, também os sectores laicos. Pela primeira vez, a cadeira do Papa estava vazia na Semana Santa. E isto foi uma grande provocação. Eis um excerto de um artigo, publicado num desses jornais laicos, por um repórter não católico: "o

homem que teve poder e saboreou o triunfo de abrir caminhos na História do século XX, agora está à mercê dos médicos, dos que o tratam e dos conselhos dos outros. Tudo isto ele vive na fé e sem se esconder. Percorre o seu calvário com serenidade e total abandono a Deus. Mostra ao mundo que não tem medo da dor quotidiana, da impotência que humilha e não se preocupa por desfazer a imagem que dantes tinha. O martírio que está a viver nesta Semana Santa, dramaticamente iluminada pela sua ausência, é um exemplo de purificação e de humildade e também um sinal que dá dignidade ao martírio desconhecido de milhões de homens e mulheres no mundo. É um espelho do "ecce homo" que há em toda a parte."

Na Sexta-Feira Santa, o dia tão esperado da Via Sacra, o Papa pediu para instalarem no seu apartamento, um ecrã, com uma ligação vídeo com o Coliseu, onde havia vários ecrãs gigantes. Naquela noite, de certo modo, sentia-se a presença de João Paulo II na Via Sacra. Todos o podiam ver, através da televisão, sentado na sua capela, sempre virado para o altar. Mais impressionante ainda foi quando, na 14ª Estação, João Paulo II aparece abraçado à cruz. Tinha um grande crucifixo no regaço e, de vez em quando, encostava a cabeça ao peito do crucificado. Foi o modo como ele próprio se quis associar ao sofrimento de Cristo, no final da Via Sacra.

Chegamos ao Domingo de Páscoa. Dantes, na bênção *Urbi et Orbi*, o Papa falava em setenta e tal línguas e proferia uma alocução importantíssima. Nessa manhã, 108 cadeias de televisão, do mundo inteiro, incluindo a Al-Jazeera, transmitiram, em directo, aquele acontecimento. No final da missa, presidida pelo Cardeal ngelo Sodano, veio o momento da bênção *Urbi et Orbi*. Um diácono leu a fórmula com as indulgências plenárias e o Papa apareceu à janela do seu apartamento. No momento em que ele devia dar a bênção, põem-lhe o microfone à frente, mas ele bloqueou; ficou completamente mudo; foi incapaz de dizer uma palavra. Foi um momento emocionalmente muito forte. As pessoas começaram a chorar, e o Papa ali estava... mudo, exposto aos olhos do mundo, diante das 108 cadeias de televisão que, em directo, transmitiram a sua fragilidade. E isto impressionou tanto os "media" que, no dia seguinte, todos os jornais traziam na primeira página a imagem de um Papa mudo. Ou melhor, a imagem de um homem que não falou, mas que comunicou de outra maneira. Foi mesmo uma coisa poderosa, completamente ao arrepio da nossa mentalidade ocidental, em que as pessoas doentes e de idade já não têm nada a dizer, são um estorvo e afastadas da vista de todos...

Creio que João Paulo II atingiu ali, o vértice da sua liberdade! Nenhum político se arriscaria a fazer o que ele fez. E qual de nós seria capaz, mesmo diante do nosso melhor amigo, de fazer uma coisa para a qual tínhamos treinado durante dias, sem saber se acabaria bem? Ora, João Paulo II arriscou e não se escondeu aos olhos do mundo porque era um homem totalmente livre. Só uma pessoa totalmente livre – que já deu tudo a Cristo... e por isso, não tem nada a perder – é que é capaz de arriscar a fazer uma coisa destas. Não é isso que fazem os santos?

A agonia e morte de um santo

A partir desse momento, foi vertiginoso o agravamento da sua saúde. João Paulo II começou a piorar, de tal maneira que, na quinta-feira, saiu um comunicado, a dizer que o Papa tinha febre. Um sinal preocupante, para quem conhece a linguagem do Vaticano, pois não é habitual sair um boletim da Sala de Imprensa, à noite, comunicando que o Papa tem febre. No dia seguinte, efectivamente, confirmou-se esta gravidade com dois novos boletins, cada qual o pior e mais grave. Num destes comunicados informava-se que o Papa, do ponto de vista físico, estava pior, mas sempre consciente: "O Papa está sempre consciente. Esta manhã, às seis da manhã, concelebrou missa, às sete e quinze. Recordando-se que era sexta-feira, dia em que, habitualmente, fazia a Via Sacra, pediu que lhe fossem lidas as catorze Estações. Seguindo sempre com atenção a leitura dos textos, fazia o sinal da cruz em cada uma das Estações. Pouco depois de ter terminado, pediu para lhe lerem a Liturgia das Horas, concretamente a Hora Terça e depois, continuando lúcido e sereno, pediu que lhe fossem lidos alguns excertos da Sagrada Escritura".

Nesses dias, a Praça de S. Pedro estava repleta de fiéis silenciosos. Era impressionante o facto de as janelas do Palácio Apostólico, estarem acesas toda a noite. Havia ali sempre um mar de gente. Todos estavam virados para a janela e sempre em clima de oração. Os media, felizmente, estavam proibidos de entrar na zona da Praça de S. Pedro, para respeitar o momento de oração e de silêncio dos fiéis. Foi muito comovente: havia mesmo pessoas sozinhas paradas, como árvores, durante longos momentos, a rezar. Era um modo de fazer companhia ao Papa!...

Depois, deu-se o anúncio da morte. Mas, em relação a isso, é preciso sublinhar uma dupla coincidência extraordinária.

Às 21 horas do dia 2 de Abril começou a recitação do terço, na Praça de São Pedro. No intervalo dos mistérios, cantavam o Avé de Fátima, com uma estrofe adaptada ao Papa, em língua italiana: a ligação de João Paulo II a Fátima estava ali bem

presente! Efectivamente, estava-se a rezar o terço no momento em que ele morreu. Era o primeiro sábado do mês!

Esta é a primeira coincidência da sua morte: é que Nossa Senhora, na aparição de 13 de Junho em Fátima, pede a devoção dos primeiros sábados e mais tarde vem explicar, só à Lúcia (porque a Jacinta e Francisco) já tinham morrido, que "os que seguirem aquilo que eu peço, acompanhá-los-ei na hora da morte com todas as graças necessárias"... Ora João Paulo II morreu às 21:37 de sábado, o primeiro sábado do mês. Leio-vos simplesmente o que disse o Núncio Apostólico em Portugal, Mons. Alfio Rapisarda, poucos dias depois do Papa ter morrido: "Profundamente convencido que foi Nossa Senhora de Fátima que lhe salvou a vida no atentado de 13 de Maio de 1981, em Roma, o Papa iniciou depois uma devoção que nunca esmoreceu em toda a sua vida e que manifestava com a piedosa prática constante do rosário, que recitava, em público, em Roma, todos os primeiros Sábados do mês, vindo a morrer no primeiro sábado de Abril e o anúncio do seu desaparecimento foi feito aos fiéis enquanto se encontravam reunidos na Praça de S. Pedro recitando o rosário. É-nos, portanto, de toda a consolação pensar que Nossa Senhora, que lhe salvou a vida no terrível atentado de 13 de Maio de 81, garantiu a sua presença na hora da sua morte e veio acolhê-lo no primeiro sábado, para o levar consigo para o céu."

Mas, ao mesmo tempo, dá-se outra coincidência não menos extraordinária. É que João Paulo II foi um dos maiores divulgadores de uma devoção polaca – que agora tem dimensão universal – e que assenta num conjunto de revelações de Cristo a uma freira polaca, Faustina Kowalska (que ele enquanto arcebispo de Cracóvia tratou do processo de beatificação e depois, quando foi eleito Papa, a beatificou e canonizou). Estas aparições duraram uns oito anos. Faustina era uma freira muito humilde, só tinha a instrução primária. Cristo diz-lhe que, na hora da morte, às três da tarde, quando jorrou sangue e água do Seu lado perfurado, essa era a hora da misericórdia. Cristo revela-lhe que está disposto a derramar a plenitude da Sua misericórdia sobre a humanidade, mas é preciso é pedi-la. Cristo indica-lhe algumas devoções: às três da tarde, pede para se fazer um momento de oração; pede também uma novena, a começar na Sexta-feira Santa e culminar no Domingo de Pascoela. Porque, disse Cristo a Faustina Kowalska, "o primeiro Domingo a seguir à Páscoa é, por excelência, o Domingo da misericórdia, a festa da misericórdia". Ora, João Paulo II, quando beatificou Faustina Kowalska, proclamou a festa da misericórdia para esse Domingo. E, quando a canonizou no ano 2000, deu-lhe a dimensão de festa universal. As palavras de

Cristo à Irmã Faustina são eloquentes: "aqueles que divulgarem esta devoção, no momento da morte, para essa pessoa não haverá justiça, só misericórdia. Portanto, o julgamento já está feito". O boletim do Vaticano anunciou deste modo a sua morte: "O Santo Padre faleceu esta noite, às 21:37 no seu apartamento privado. Às 20 horas tinha começado a celebração da Santa Missa da festa da divina misericórdia no quarto do Papa. Durante a missa foi-lhe administrado o Santo Viático e, uma vez mais, o sacramento da unção dos enfermos. As últimas horas do santo Padre foram caracterizadas pela ininterrupta oração de todos aqueles que o assistiam e rodeavam."

João Paulo morreu nas primeiras vésperas da festa da divina misericórdia: sábado à noite, véspera do Domingo de Pascoela! Portanto, houve uma dupla coincidência, uma espécie de "dois em um", algo de absolutamente misterioso: João Paulo II morreu no primeiro sábado e nas primeiras vésperas da Festa da Misericórdia.

"Santo Subito"

O que se passou, após a morte de João Paulo II foi uma verdadeira explosão da sua santidade. Primeiro, houve uma imediata adesão de pessoas, que vieram de vários pontos de Itália e também da Europa e dos quatro cantos do mundo, para lhe dizerem um último adeus. O corpo esteve um dia exposto na Sala Clementina e foi depois levado, numa espécie de padiola, completamente à vista de todos, desde o Palácio Apostólicos, saindo pela Porta de Bronze. Atravessou a Praça de S. Pedro e ficou exposto na Basílica de S. Pedro. E foi aí que este fenómeno nunca visto da multidão de fiéis se revelou impressionante. Havia filas de quilómetros (uma amiga minha esperou 16 horas para entrar)! Eu já vi muitos aglomerados de peregrinos em Roma, sobretudo na jornada mundial da juventude, mas o clima aqui não era de festa. Ninguém estava obrigado a passar tantas horas, em filas intermináveis, sem condições... Por outro lado, participaram no funeral mais de 100 Chefes de Estado e de Governo. Homens que, do ponto de vista político, não estavam todos de acordo uns com os outros, mas que tinham João Paulo II como ponto de referência. Tudo isto foi um poderoso reflexo da paternidade deste Papa. Foi uma espécie de ricochete das suas acções pelo Mundo. Ele era um verdadeiro pai; e percebiam-se ali os seus efeitos. Todas as pessoas estavam ali por uma razão. Nesses dias, ainda antes do funeral, também os jornais italianos publicaram alguns casos de milagres feitos em vida por João Paulo II. Deram-nos a conhecer vários testemunhos com reportagens e documentação comprovada por médicos, com curas inexplicáveis. Um sacerdote em fase terminal ficou

curado porque o Papa rezou por ele, como testemunhou um bispo italiano, teólogo famoso. Um militar indiano que estava paralisado, passou a andar; uma criança no México, com quatro anos, quando o Papa visitou o país e lhe pegou ao colo, estava em tratamentos de químico e agora é um jovem adulto saudável.

Começou pois a espalhar-se a sua fama de santidade. E o modo mais forte, onde isso se percebeu, foi durante as exéquias. Havia cartazes onde se lia "Santo Subito", ou seja "santo quanto antes, o mais depressa possível, santo depressa" e, no funeral, o cardeal Ratzinger, que era o decano e que estava a presidir, foi muito sábio. Na homilia ele próprio reconheceu a santidade de João Paulo II. Alguns comentadores acharam que o cardeal foi longe demais, quando disse: "Para todos nós permanece inesquecível como neste último Domingo de Páscoa, o último domingo de Páscoa da sua vida, o Santo Padre, marcado pelo sofrimento, apareceu à janela do Palácio Apostólico e, uma última vez, deu-nos a bênção Urbi et Orbi. Podemos estar certos de que o nosso amado Papa está agora à janela da casa do Pai e nos está a ver e a abençoar". Portanto, é o próprio cardeal Ratzinger a reconhecer que ele, agora, já está no céu. Mas há ainda um outro detalhe, não menos importante, que aconteceu no momento final da missa. No momento em que o caixão devia de ser levado para a sepultura, dentro da Basílica, só faltava uma oração final. Quando o Cardeal Ratzinger se preparava para ler essa oração e o acólito se aproximou com o microfone, o povo começou a gritar: "Santo! Santo! Santo!" Então, o Cardeal Ratzinger afastou o microfone e ficou à espera. Este gesto permitiu uma explosão dos fiéis, todos unânimes, a aclamarem João Paulo II santo!

Antigamente, na história da Igreja, havia canonizações por aclamação. Se hoje ainda fosse assim, João Paulo II teria sido aclamado naquele instante. Foi um momento inesquecível.

E com isto concluo: parece-me que a poderosíssima adesão que mereceram os últimos momentos ligados ao funeral de João Paulo II e as filas imensas de pessoas que acorreram a Roma para lhe prestar uma última homenagem, foi a maior prova da sua estatura humana. Foi um poderoso sinal de como João Paulo II, tinha uma grandeza reconhecida por todos, católicos ou não. A sua pessoa reflectia uma atractividade humana e um fascínio que, no fundo, eram sinal de algo perene que todas as pessoas anseiam. E que João Paulo II agora já vê, face a face, porque está no céu.

Maria Aura Miquel

OS NOSSOS POETAS

Do nosso Assessor Cultural e poeta Eduíno de Jesus, açoriano nascido numa aldeia limítrofe de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel, transcrevemos quatro poemas do seu livro: "Os Silos do Silêncio - Poesia (1948-2004)".

GAIA CIÊNCIA

A Fátima Freitas Morna

*Como a aranha
a teia desenha,
quase imperceptível, entre as folhas da hera,
e espera*

*depois, simplesmente,
que algum incauto insecto caia
na sua ténue malha
transparente,*

*assim eu, com os mais subtis ardis do sonho,
teço,
de noite, árduo,
verso a verso,*

*a frágil teia
do poema e a disponho
de dia
na página branca, imaculada, onde aguardo*

*depois, simplesmente, que uma ideia,
como um súbito raio verde,
venha acender, de
repente, a Poesia.*

ILUMINURA

*São os raios do sol, doirescentes, que a cingem.
É, nas lajes do chão, em sombra, a sua imagem.
São os perfumes dela que na brisa espargem
os íntimos segredos do seu corpo virgem.*

*É o rumor dos passos dela e das esguias,
loiras escravas, núbéis, invioláveis, frágeis.
São as pálidas mãos dela, os seus dedos ágeis,
acariciando os fustes das colunas frias.*

*É, enfim, a princesa que foi sequestrada...
Passeia nua – excêntrica! – na balaustrada
do claustro, sem olhares de homem que a vigiem.*

*Nos lábios infantis, de um leve tom rosado,
uma pergunta esvoaça-lhe: «O que é o
pecado?»,
e as escravas encolhem os ombros... e riem.*

A CABRA HERÁLDICA

*enquanto na roda do tempo as luas
passam
enquanto os gomos germinam no segredo
da terra e as crisálidas tecem no limbo a seda
das suas asas futuras*

*enquanto a Música flutua
sobre as águas primordiais esparzindo com seus
dedos
imponderáveis os grãos minúsculos
de um novo Génesis*

*- a Cabra Taciturna
em sua postura
heráldica no limiar da porta dos deuses*

*enrola placidamente a cauda de delfim
sob o olhar longínquo
de Saturno*

PEGASUS MISERABILIS

*Progénito de um Pégaso longínquo,
aborto, o chão escarvo, a pata inquieta,
enquanto aliso na memória equina
a rémige lassa com que vooescrevo.*

*Trânsfuga da manada, aqui rumino
a minha cisma (meu verso de erva)
com a fome ancestral onde conservo
o ferro ominoso do meu instinto.*

*Do antigo voo pelo céu estrelado,
astronauta das rotas do Infinito,
perdi o Norte, esqueci o rasto...*

*Agora, patas no chão, bem solípede,
aqui estou, atrelado, Equus Sapiens,
à carroça do lixo, para sempre.*

*Eduíno de Jesus
in "Os Silos do Silêncio"*

CONVERSAS QUINZENAIS

1º Semestre de 2005

64ª Conversa – (12 Janeiro) – "*Actividades da Associação. Vem Dizer da Tua Justiça*", por todos os participantes.

Iniciámos as "Conversas", como já é habitual, pela troca de ideias, apresentação de sugestões e dúvidas feitas pelos participantes presentes. Foi presidida, como sempre, pela nossa Presidente que a todos respondeu, transformando-se a Conversa num diálogo agradável e profícuo.

Foi maior o número de Sócios presentes em relação a anos anteriores, mas ainda menor do que seria desejável, porque continuamos a afirmar que a participação dos Sócios e a sua opinião honesta, (crítica ou não), nas e das actividades duma Associação, é fundamental para auxiliar a sua Direcção na melhoria da sua actuação.

65ª Conversa – (23 Fevereiro) – "*Pintar Coimbra*", por Hélder Rodrigues.

No seu estilo habitual de bom comunicador, Hélder Rodrigues, presenteou-nos com uma bela descrição pictórica de Coimbra, mostrando-nos vários ângulos inéditos da nossa velha e querida cidade, "Alma Mater" para sempre inscrita nos nossos corações. Nascido em Coimbra, soube escolher monumentos, igrejas, ruas e a Universidade, que pintou com magia e maestria.

Todos os quadros projectados que acompanharam a sua exposição são da sua autoria. Foi, na minha opinião, um regalo para a vista e para o coração.

66ª Conversa – (9 Março) – "*Isabel de Aragão e os Valores que Sempre Defendeu*", por Piedade de Almeida.

Após ter referido as circunstâncias da época em que Isabel de Aragão veio para Portugal e do seu casamento com D. Diniz em Trancoso, Piedade de Almeida referiu-se essencialmente à figura da Rainha como mulher e mãe.

Profundamente religiosa, D. Isabel, dedicava-se a fazer bem aos pobres e a fama da sua generosidade depressa se difundiu em todo o povo que a considerava "Santa". Mulher inteligente e com espírito de sacrifício interveio em vários conflitos e discórdias em que D. Dinis esteve envolvido, chegando a acolher com benevolência os seus filhos bastardos. A preferência de D. Dinis por um desses seus filhos provocava disputas entre ele e seu legítimo filho D. Afonso. D. Isabel sempre serviu de mediadora entre eles e mais tarde foi-o também com êxito, na paz que obteve entre seu filho, já D. Afonso IV,

com o Rei de Castela.

Construiu um hospital para pobres junto ao Convento de S.ta Clara em Coimbra que tinha mandado reedificar. Aí jaz conforme sua vontade expressa em testamento.

67ª e 68ª Conversas – (30 Março e 6 Abril) – "*A – O Sebastianismo e o 5º Império (Bandarra, P.e António Vieira, Fernando Pessoa)*" e "*B – O Culto do Espírito Santo Ontem e Hoje no Continente, nos Açores, na Madeira e na Diáspora*", por Maria Olga Reis.

Esta Conversa foi já referida no número anterior do "Capa & Batina", para não quebrar a sequência do mesmo assunto que, pela sua extensão e conveniência da sua Autora, teve que ser dividido por várias Conversas.

69ª Conversa – (13 Março) – "", por João Delgado Godinho.

Ninguém como um bom Psicólogo poderia tratar deste assunto sempre tão actual, necessário e imprescindível na formação da Criança para se tornar, mais tarde, num Adulto responsável. Centrou a sua exposição em parâmetros que devem assentar numa cuidadosa observação do comportamento da criança desde a mais tenra idade e dar-lhe e fortalecer-lhe desde o início segurança, estima e auto-confiança e permitir-lhe atingir uma auto-realização.

A verdade deve estar sempre presente no diálogo entre a Criança e o Adulto, embora em certas ocasiões e só para a preservar de ressentimentos ou dúvidas, é preferível comprometer a verdade com uma pequena mentira.

A Educação duma criança deve ser constante desde o seu nascimento e o Adulto deve fazer o seu acompanhamento incutindo-lhe formação não só com o seu próprio procedimento mas tendo sempre presente que para lhe incutir responsabilidade e bom carácter é preciso estimular-lhe a sua auto-estima, prodigalizar-lhe Amor, corrigi-lo com paciência e respeito e nunca envergonhá-lo. A criança tem a sua personalidade própria e como tal deve ser tratada, corrigida, ensinada e amada.

70ª Conversa – (11 Maio) – "*Os Malefícios do Tabaco, de Anton Tchekov*": momento teatral por Hélder Rodrigues.

Esta Conversa, da responsabilidade do Eng. Hélder Rodrigues, é diferente das habituais e começa logo ao seu início, pois em lugar de apresentar o conferencista, aliás já sobejamente conhecido de todos vós, vou apresentar o autor motivador desta Conversa.

Anton Parlovich Tchekov, notável escritor russo, neto de servos e filho dum pequeno comerciante falido, nasceu

na Rússia em Taganrog, junto ao mar de Azov em 1860, e morreu em 1904 em Alemanhaem.

Nos curtos 44 anos da sua vida, atravessou uma adolescência infeliz e trabalhou duramente para se formar em medicina em Moscovo. Como escritor começou por escrever contos e novelas tais como "A Estepe", "A Casa com Sobreloja", etc.

Voltou-se depois para o Teatro, onde mostrou com realismo a vida medíocre e absurda da pequena burguesia e dos camponeses russos. Sentiu o desabar de toda essa sociedade em crise e em decadência.

Em vez de personagens heróicas de frases eloquentes, opôs Tchekov um Teatro da gente trivial e da vida quotidiana, apresentando os seus estados de alma. E diz a justificar-se: *"Escrevi as minhas peças com o desejo de dizer honestamente às pessoas: Olhai-vos um pouquinho e vede até que ponto a vossa vida, é má e sombria. O que importa é que as pessoas se dêem conta deste facto: se chegarem a compreendê-lo não-de suscitar certamente à sua volta uma outra vida melhor. Eu não viverei, sem dúvida, o bastante para o ver, mas creio que o futuro será uma coisa bem diferente e bem melhor que a nossa vida actual"*.

Tão humana, tão pura, tão simples e tão límpida, a obra de Tchekov – com a criação do realismo psicológico – continua hoje, cem anos volvidos sobre a sua morte, a ser admirado e querido em todo o mundo, sendo o inspirador de muitos que procuram encontrar um sentido e um caminho para o Teatro dos nossos dias. A maioria das suas comédias e dramas foram representados e sempre com êxito. Entre as suas numerosas obras, Hélder Rodrigues escolheu para a sua Conversa o monólogo intitulado "Os Malefícios do Tabaco" e na pele de Ivan Ivanovitch, herói da peça, representou com tal maestria e veracidade, que agradaria sem qualquer dúvida ao seu Autor, que o aplaudiria de pé!

71ª Conversa – (22 Junho) – "Os Romanos: Latinos do Oriente" por Magdalena Serbanesco.

Magdalena Serbanesco, romena de nascimento, falou-nos com paixão da sua terra Natal, comparando, por vezes, a tenacidade e coragem que os romenos sempre puseram na luta contra os avanços dos exércitos bárbaros, turcos e de outros vizinhos, com a dos portugueses na defesa e conquista das suas fronteiras contra mouros e espanhóis. (A língua romena deriva do latim embora sofrendo, através dos tempos, influências várias, mantém ainda a estrutura gramatical do seu idioma).

Após ter feito uma breve resenha da belíssima e conturbada história do seu País, ainda tão pouco

conhecido de muitos portugueses, mostrou através de imagens as belas paisagens das suas montanhas e planícies atravessadas pelo Danúbio, os seus monumentos, mosteiros e igrejas que suscitaram a todos os presentes o desejo de os ver de perto.

Na Sala estavam expostos exemplares do seu artesanato: vestuário, tapetes, bordados, esculturas em madeira, etc. Magdalena Serbanesco vestia, ela própria um traje romeno: saia preta com incrustações de prata e uma blusa bordada.

Tudo belíssimo.

72ª Conversa – (6 Julho) – "Iconografia dos Túmulos de D. Pedro e D. Inês" por Francisco Ramos.

Perfazendo-se 650 anos da morte de D. Inês de Castro, oportuno se tornava que as "Conversas" a ela se referissem. E tivemos o privilégio e a sorte de Francisco Ramos, especialista nessa matéria, aceder a vir falar-nos desse assunto, através da belíssima e por vezes enigmática iconografia dos Túmulos de D. Pedro e de D. Inês, existentes no Mosteiro de Alcobaça, aquele par cuja história amorosa e dramática inspirou centenas de poetas, escritores e dramaturgos quer nacionais, quer estrangeiros.

Francisco Ramos, através da análise minuciosa dos pormenores iconográficos dos Túmulos, que os diapositivos iam revelando chamou a nossa atenção para determinadas figuras e a justificação de ali estarem representadas, esclareceu dúvidas e deixou propositadamente outras em aberto pela dificuldade em se escolher a verdade mais certa entre as muitas hipóteses que certas figuras podem ter. Além disso, os vandalismos de que os Túmulos têm sido vítimas, impossibilitam a certeza absoluta de certas afirmações. E cabe perguntar-se: quantas vezes passamos por Alcobaça e fomos "espreitar" os Túmulos? "Espreitar" é o termo correcto pois a bela exposição de Francisco Ramos mostrou-nos à saciedade a superficialidade com que os olhamos, o pouco tempo que dedicamos à observação daquela obra-prima da tumulária gótica portuguesa.

Suscitou o desejo a todos os presentes, creio eu, de voltarmos de novo a vê-los, desta vez com tempo, já mais elucidados, mais conscientes e motivados de apreciar aquelas jóias artísticas que são, simultaneamente uma inestimável fonte documental para a história daqueles trágicos e famosos amores de Pedro e Inês.

Isabel Alexandre

A VOZ DA FILANTRÓPICA

OS NOSSOS CONVÍVIOS

Das actividades sociais desenvolvidas pela Filantropia durante o 1º Semestre de 2005 contam-se a Festa dos Reis e o Almoço da Páscoa.

A primeira teve lugar no Salão de Festas da Pastelaria Mexicana, a 7 de Janeiro, pelas 16 horas. Bem servido, desenvolveu-se num ambiente caloroso, tendo sido alegrado pelo Coral Ad-Hoc e ainda pelo Dr. Serafim Falcão que nos presenteou com uma muito boa representação do "Monólogo do Vaqueiro" de Gil Vicente.

Embora ao fazer as contas verificássemos um ligeiro prejuízo, sentimo-nos compensados pelo fracasso dum convívio anterior.

O Almoço de Páscoa ocorreu a 20 de Março, na antiga Cooperativa Militar. O serviço agradou, o convívio foi alegre e o programa recreativo contou com uma exibição do Grupo de Expressão Teatral, com declamação de algumas poesias, com o grupo Coral Ad-Hoc e finalmente com uma magnífica Serenata executada com a costumada mestria pelo abnegado Grupo Porta Férrea sempre disposto a colaborar connosco. A Filantrópica agradece a todos os intervenientes.

Durante o convívio foram posto à venda exemplares de um CD do nosso Vice-Presidente honorário Dr. ngelo de Araújo que ofereceu o lucro da sua venda para a Filantrópica.



No Almoço de Páscoa

Maria Olga Reis

O COFRE DA FILANTRÓPICA

As actividades relativas aos convívios realizados durante o ano em curso até ao final do primeiro semestre (lanche dos Reis e almoço da Páscoa) deram um lucro residual de 65,50 Euros, importância que não foi suficiente para cobrir as despesas inerentes às restantes acções, apesar das dádivas de alguns Sócios através da venda de CD's e livros. Deste modo, não se verifica alteração significativa da situação financeira.

Assim, em fim de Junho os saldos existentes eram os seguintes:

Depósito à ordem.....	1.691,96 €
Depósito a prazo.....	2. 706,36 €
Numerário.....	102,71 €
Total.....	4.501,03 €

Braz dos Santos

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos...

... no primeiro Semestre de 2005:

- ✠ Dr.ª Maria da Conceição Santos F. Barreto Correia, Sócio 695 – em 18 de Janeiro;
- ✠ Dr.ª Maria Isabel Coelho Barata Gonçalves Pereira, Sócio 1148 – em 25 de Fevereiro;
- ✠ Comandante Raúl de Sousa Machado, Sócio 1007 – em 7 de Março;
- ✠ Dr. Joaquim Mendes, Sócio 590 – em 23 de Março
- e
- ✠ Dr. Jorge de Mendonça Torres, Sócio 207 – em 25 de Maio.

Que descansem em Paz.

IN ILLO TEMPORE

I - UMA INTERVENÇÃO A FAVOR DA PRAXE ACADÉMICA

O nosso Colega Fernando Mendes Pardal enviou-nos o texto da resposta que deu a uma carta subscrita por um senhor de nome Fernando de Castro Saraiva, publicada no dia 6 de Dezembro de 1957 no já extinto jornal "Diário de Lisboa", onde o seu autor criticava severamente, mas sem argumentos convincentes, a praxe académica que nesse tempo se exercia na Universidade de Coimbra.

Eis a resposta (que foi publicada no mesmo jornal logo no dia 7 de Dezembro de 1957):

"Em resposta à carta que há dias publicámos do sr. dr. Fernando de Castro Saraiva, na qual se denunciava o espírito contrário ao progresso que preside ou presidiria aos desacatos e gloriolas dos «praxistas» de Coimbra, recebemos outra carta em que, com a maior urbanidade, o sr. Dr. Fernando Mendes Pardal, outro antigo aluno da Universidade de Coimbra, rebate aquelas asserções e convicções, aduzindo que afinal (tal, em última análise, a função social da «praxe», que por outro lado contribui para a criação de boas amizades) é necessária e conveniente para a adaptação à vida real quebrar os grandes impulsos de orgulho e de coragem com que os jovens possam entrar na Universidade. Conclui depois o sr. Dr. Mendes Pardal que, graças à praxe, se tornou Coimbra a primeira cidade universitária do País e acaba por negar qualquer relação – estabelecida pelo sr. Dr. Saraiva – entre o progresso da Humanidade e abolição (ou a natural extinção) deste género de tradições. Compete-nos apresentar as ideias de uns e de outros, quando forem expressas em termos correctos. Agora, o público que julgue. Damos a palavra ao sr. Dr. Mendes Pardal:

Pela leitura do «Diário de Lisboa» do passado dia 6, tomei conhecimento de uma carta onde se condena severamente a praxe académica de Coimbra. É uma opinião que merece o nosso respeito, como todas as opiniões alheias, o que não implica, porém, que o ponto de vista expandido mereça a aprovação do signatário destas linhas.

Devo dizer, antes de mais nada, que fui caloiro em Coimbra, onde fiz todo o meu curso, e essa feliz circunstância obstou a que ficasse justamente alarmado com a revelação das «atrocidades» que sobre os caloiros são cometidas.

Mas outro tanto não sucede com muitos familiares de estudantes que para Coimbra vão todos os anos, a fim de iniciarem os seus estudos, e em relação a

esses é que me pareceu de alguma utilidade a publicação destas breves considerações.

A praxe coimbrã sofreu, nos últimos anos, uma benéfica evolução, na medida em que dela foram expurgados alguns costumes menos simpáticos e que não tinham qualquer razão para subsistir. Mas hoje, e nos moldes em que ela é exercida, não me parece que se possam apresentar razões sérias que a condenem. Evidentemente, em todas as épocas houve em Coimbra alguns estudantes antipraxistas, mas a verdade é que a maioria da população escolar sempre foi e continua a ser respeitadora das tradições académicas.

E sendo assim, como é, somos forçosamente levados a concluir que a praxe académica de Coimbra contém em si virtualidades que têm assegurado a sua permanência até aos dias de hoje. Ou então, os milhares de estudantes que passaram por Coimbra terão sido, na sua grande maioria, «intelectualmente coxos»...

Mas esta última conclusão afigura-se-me inaceitável, e antes estou em crer que a quase totalidade da massa estudantil exerce, efectivamente, a praxe, porque nela reconhece evidentes benefícios para o próprio caloiro.

Quanto a mim, e para justificação do que atrás ficou escrito, devo dizer que as primeiras amizades que em Coimbra contraí, e que ainda hoje perduram, nasceram exactamente do convívio com aqueles estudantes que me «mobilizaram» para as «repúblicas».

É que um caloiro normalmente dotado facilmente se apercebe do fim que os estudantes mais velhos têm em vista quando o «mobilizam», e desde logo afasta do espírito a ideia de que algum destes tenha a intenção de ofendê-lo de qualquer modo.

O que se pretende apenas com as inofensivas brincadeiras a que os caloiros são submetidos é ver como estes reagem a elas e, se for caso disso, tentar demonstrar-lhes que a excessiva arrogância e o amor próprio em demasia ser-lhes-ão prejudiciais na sua vida futura. Mas tudo isto sem nunca esquecer que o caloiro é um homem e um colega mais novo que necessita de ser amparado e aconselhado.

De resto, se algum estudante uma ou outra vez olvida esta realidade fundamental da praxe, lá estão os outros para lha fazer lembrar, aplicando ao mau praxista as sanções que a lei académica comina para quem não sabe exercer condignamente a actividade praxística.

Felizmente estes casos são excepcionais, e não me parece que a sua rara verificação seja motivo para que se abandonem umas tradições académicas que fizeram de Coimbra a primeira cidade universitária do País.

Descansai, pois, ó pais extremosos que tendes filhos caloiros em Coimbra! Nas próximas férias do Natal eles voltarão vivos e são à casa paterna e, estou certo, contentes com a nova experiência que lhes foi dado viver e com as novas amizades já alicerçadas. E se porventura um ou outro pegou na mala de um «doutor», não vos importeis: muito boa gente fez o mesmo e nem por isso perdeu a sua dignidade.

O Autor da carta a que no princípio destas linhas me referi lamenta que grande número de estudantes de Coimbra gaste esterilmente o tempo em «troupe» vagabundas e discussões sobre a legalidade ou ilegalidade do colete de tal ou tal formato, em vez de se debruçarem sobre os problemas angustiosos do mundo contemporâneo, o que contribui para que a Universidade não seja, como devia ser, um seminário de humanistas e de sábios.

Se bem entendo, a resolução dos problemas que inquietam o mundo contemporâneo está prejudicada, em certa medida, pela acção maléfica das «troupe» académicas de Coimbra...

E sendo assim, ai de nós! Temo que as provações que nos afligem nunca mais tenham fim...

Fernando Mendes Pardal

II - ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS TUNOS III JORNADAS DE TEMÁTICA MUSICAL

No fim-de-semana de 5-6 de Novembro realizar-se-ão as III Jornadas de Temática Musical, uma iniciativa da AATAUC - Associação dos Antigos Tunos da nossa Universidade. O local será o Casa da Juventude, simbolicamente condizente com a 'idade' centenária da Tuna e dos Tunos, rejuvenescidos pela vivência artística e pelas recordações de muitas e boas horas de amigo convívio, quer nas aulas e nos ensaios, quer nas numerosas e prestigiadas viagens e espectáculos.

As Jornadas do pré-São Martinho da AATAUC terão a presença de ilustres personalidades, não só exteriores, mas também interiores. Das exteriores, destacamos o Governador Civil de Coimbra, o Magnífico Reitor, o Vereador da Cultura, o Delegado Regional da Cultura e o próprio Secretário de Estado da Cultura. Mas a 'prata da casa' não fica a dever muito a este painel, pois teremos a presença de todos os maestros da Associação dos Antigos TUNOS (João Rodrigues, Tobias Cardoso, Virgílio Caseiro, Augusto Mesquita), além de António Rolim, António de Almeida Santos, Jaime Galheiro, André Granjo, Polybio Serra e Silva, Armando Silva Afonso, Eduardo Aroso, José Paulo, Rui Pato, Fausto Pureza, Heitor Peixoto, etc..

Quero deixar, como nota de apreciação, o testemunho da excelente qualidade da Orquestra da AATUC. Existe um extremo equilíbrio de naipes, com executantes (homens e mulheres) de gosto refinado na escolha do repertório e na sua execução. Onde se incluem muitos médicos, advogados, juizes, ex-ministros, professores de todos os graus... enfim, um fantástico ramalhete de sons de negro a emoldurar uma azulíssima Saudade!

A AATUC (Antigos Tunos) é formada pelos antigos elementos da TUNA que saíram da vida académica de Coimbra no fim do Curso, para encetarem a vida profissional. Levam consigo o imenso sonho de arte, mas a vida não tem contemplações e só aqueles que têm acesso fácil a Coimbra podem continuar a tocar - na AATUC (a carinhosamente chamada 'TUNA dos velinhos').

A TUNA ACADÉMICA (TAUC) figura já secularmente entre os organismos autónomos de mais projecção nacional e internacional. Criada em 1888 (data da publicação de Os Maias), a TUNA destina-se a alunos da Universidade, embora esteja aberta a outros estudantes. Desde os anos sessenta a TUNA tem admitido várias alunas (e não só homens), dado o início, desde essa data, da afluência de mulheres ao Ensino Superior. Hoje, a TUNA engloba vários/as executantes que frequentam o Conservatório ou possuem uma boa preparação musical, teórica e prática, que não existia no início, em que as músicas não eram objecto de grandes cuidados orquestrais, antes circulavam com o acompanhamento primário: 1ª - 2ª - 3ª. Isto é: os acordes eram o da tónica (1ª), depois σ da dominante (2ª) e, se fosse o caso, também o da subdominante (3ª). Hoje, não: as peças são escolhidas de entre composições de bons autores, embora adaptados por bons maestros ao potencial instrumental e harmónico do grupo.

Por isso, quem espera que a TUNA ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA venha para os palcos (e alguns bem nobres, como o teatro académico Gil Vicente, na AAC, em Coimbra ou a Aula Magna de Lisboa) tocar músicas do 'forrífum' e brejeiras, fica sempre tremendamente espantado, no mais nobre sentido do termo, porque os nossos estudantes elevam-se pela Arte, em vez de se arrastarem pelo 'tunantismo' sem cultura e sem elevação, como qualquer músico de taberna.

No meu tempo (anos 60-70), a TUNA desdobrava-se em três ou quatro sub-grupos: além da orquestra propriamente dita, com uns 30 elementos, havia a ORQUESTRA DE TANGOS (12 elementos), o Grupo de Fados, o Grupo de Variedades e, depois, o Conjunto de Câmara CARLOS SEIXAS. Era maestro o Professor Tobias Cardoso.

Um espectáculo da TUNA constava, por norma, de 3 partes:

- Actuação da Orquestra da TUNA;
- Actuação da Orquestra de Tangos;
- Variedades;
- Serenata de Coimbra.

Da primeira parte, preenchida pela TUNA propriamente dita, recorro um 'menu' com as seguintes peças:

Parte 1 - *Dança Alemã e Canzonetta* (Mozart),
Serenata (Donizetti, *O Velho Castelo* (Mussorgsky),
Minuet (Carlos Seixas)

Parte 2 - Canções populares orquestradas

- (*Ó velha, Mariquinhas, Luisinha...*),
- *Fado* (Rui Coelho),
- *El Vito* (dança popular espanhola)
- *Cantares* (Xisto Lopes)....

Parte 3 - Variedades: improvisos, prestidigitação (Condorcet), imitações...

Parte 4 - Orquestra de Tangos

(*Caminito, Cumparsita, Silencio en la Noche, Beijo de Fogo, Olhos Negros.....*)

Parte 5 - Serenata de Coimbra.

Era um espectáculo completo, que exercia (e exerce) nas pessoas de todo o País (e do Mundo) a magia de Coimbra, elevando o seu prestígio multiseccular da nossa Alma Mater. Compreende-se que, entre tantas e tão honrosas condecorações se esteja incluída a da Ordem de Benemerência, já que o produto dos espectáculos se destinava a obras de carácter social, não só na região de Coimbra como por todo o País.

O maestro Tobias Cardoso, como se vê, apresentava um repertório com um leque de opções que ia do clássico ao popular. O popular era elevado pela orquestração e o clássico era simplificado para poder ser interpretado por instrumentistas com pouca formação musical. Raramente os tunos frequentavam também o Conservatório, pois as Faculdades absorviam-lhes muito 'marranço'. É de justiça que um dia seja feito um estudo desta excelente prática pedagógica do maestro Tobias Cardoso.

A evolução artística natural desta prática foi em 1966 consubstanciada no Conjunto de Câmara CARLOS SEIXAS (o nosso 'CHECHAS'), que

cedo assumiu autonomia artística, pois congregava 9 elementos com bons conhecimentos de música e boa execução, praticando um repertório muito próprio e bastante exigente, com base na música clássica de cravo, mas interpretada por instrumentos exclusivamente de plectro: bandolim (1º e 2º), bândola, bandoloncello, viola, viola-baixo.

Sabemos como é limitada a sonoridade dedilhada do cravo, cedo ultrapassada pelo piano, que emite um som martelado, capaz de encher uma sala de espectáculos.

Ora esse repertório de música de cravo executado com os instrumentos de plectro (palheta) ganhava um elevado potencial sonoro e brilhantismo por vezes espectacular. Não admira que o Festival de Neerpelt (Bélgica) se tenha rendido à "haute qualité" e atribuído, em 1967, o primeiro prémio aos estudantes de Coimbra, com "félicitations spéciales". A adaptação da música de cravo ao plectro dos nossos instrumentos de palheta sem tradição musical 'clássica' foi uma ideia genial de Tobias Cardoso, que deu e continua a dar enorme prestígio ao Ensemble Carlos Seixas e à Tuna Académica. Mais tarde será acrescentada ao velho e nobre 'Chechas' a flauta de bisel, destinada à interpretação de peças clássicas da Biblioteca Pública Hortênsia.

Quando se realiza a EXPO '70, em Osaka, no Japão, o Ensemble CARLOS SEIXAS (com uma dezena de elementos) é convidado para uma das mais extraordinárias viagens da história dos organismos autónomos da Universidade de Coimbra: a célebre Viagem ao Japão - por Bruxelas, Atenas, Teerão, Banguocoque, Macau, Hong Kong, Tóquio, Kyoto, Kobe, Nara, Osaka, voltando por Bombaim, Vaticano (Castelgandolfo)... com espectáculos nas cidades de escala, nomeadamente nos anfiteatros de Atenas. As receitas revertiam a favor da Cruz Vermelha Internacional.

Num próximo número, farei um ligeiro resumo dessa viagem, documentando com bastantes fotografias.

Altino Cardoso



NOTICIÁRIO

I - JANTARES E ALMOÇOS MENSAIS

Realizaram-se 3 almoços e 2 jantares, para dar oportunidade a todos de participarem neste convívio mensal que tem sempre uma adesão de "última hora" que faz subir as inscrições iniciais de sócios, familiares e amigos. Os aniversariantes dos respectivos meses são mencionados e os presentes apagam em conjunto as velas que simbolizam as diferentes (mas pouco...) idades.



Aniversariantes de Abril



Aniversariantes de Junho

II - FOLIA DO CARNAVAL

Como sempre, na 6ª feira de Carnaval, dia 4 de Fevereiro, e ao som da já consagrada entre nós Orquestra "Lorenzo's Combo", que fez rodopiar os 89 animosos sócios, familiares e amigos, mas, desta vez um local novo, o Corinthia Alfa Hotel, que se saiu bem da sua estreia connosco, em espaço e em serviço, colaborando também na já consabida "partida" do bolo de aniversário.

Os aniversariantes presentes caem sempre...

III - REAL REPÚBLICA DO ANTIGO ESTUDANTE DE COIMBRA

Na esperança (que não esmoreceu) de arranjar uma solução, organizou-se uma visita guiada à 2ª unidade do DOMUS (Grupo José de Mello – Residências e Serviços), situada no Parque das Nações.

Compareceram poucos Sócios, a quem, no entanto, foram prestadas todas as informações pedidas.

Continuamos a trabalhar neste campo e a procurar alternativas. Quem quiser ajudar com sugestões ou conhecimentos será bem vindo.

IV - FESTA DOS SANTOS POPULARES

Foi um fracasso esta iniciativa de um mini-cruzeiro no Tejo, o qual teve só como atenuante o facto de haver sido organizado à última hora, por incumprimento da agência "Cruzeiros SAL" quanto à data acordada para um cruzeiro no Rio Sado.

Além de mau tempo, que obrigou a fechar as janelas, o serviço deixou muito a desejar face ao elevado custo que o barco cobrou sem contrapartidas (o preço reverteu todo para o barco e guia).

Salvou-se o Concurso das Quadras, eis as premiadas:

1º Prémio (justíssimo!)

*"Vem ao passeio no Tejo...
Ó meus Santos Populares!
Pelo que paguei por isto,
Eu jantava no Tavares!!!"*

Velho do Restelo

2º Prémio

*"Oh São João, São João
Eu nunca, nunca te invejo
Tu tens as festas do Verão
Eu as belezas do Tejo"*

Poetisa Frustrada

3º Prémio

*"Ao passar rio Tejo
Pelos Santos Populares
Assalta-me sempre o desejo
De ser teu se o desejares"*

Velho do Restelo

V - COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

❖ A Orquestra de Câmara de Coimbra, regida pelo Maestro Virgílio Caseiro, encantou Lisboa com o seu recital "Cantar Coimbra", que promoveu no Teatro São Luiz, no dia 12 de Março, onde foi ovacionada por inúmeros Associados nossos.

❖ A Fundação Bissaya Barreto convidou-nos para a cerimónia de inauguração do Centro Geriátrico Luís Viegas Nascimento e para a outorga ao Dr. Almeida Santos do diploma de "Amigo Honorário da Fundação", o qual ocorreu em 4 de Maio e foi presidida pelo Senhor Primeiro Ministro.

❖ A Casa dos Açores em Lisboa celebrou na Quinta dos Gafanhotos a "Gala do 78º Aniversário" no dia 15 de Abril, mantendo sempre um lugar de honra para a nossa Associação, que se apresentou em força.

❖ A Casa das Beiras convidou-nos para a apresentação do livro "Um T. de M. – P'las Cercanias do Fundão", da autoria do seu antigo Presidente, Luís Mesquita, apresentado pela socióloga Maria João Figueiredo Forte, pelo historiador Alberto Correia e pelo director do Jornal do Fundão, Fernando Paulouro Neves, seguindo-se uma saborosa prova dos vinhos da Cova da Beira.

SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

- No 1º semestre de 2005, continua a manifestar-se a generosidade dos nossos Sócios e Amigos através da oferta de livros, objectos e vária documentação, que assim vai enriquecendo o Património da Associação. Mas cabe mencionar em primeiro lugar a oferta dum óptimo retroprojector feita pelo nosso Amigo Dr. João Emílio Delgado Godinho, cuja falta nos obrigava ao seu aluguer com bastante frequência.

E com destaque também nos é grato referir a oferta de 1 000 _ com que o "Grupo de Bridge" contribuiu para a instalação do almejado e indispensável Ar Condicionado.

As demais dádivas foram de:

Maria Teresa Amaral, Fernando Murta Rebelo, Ester Guedes, Roberto Ferreira Valente, João Menano, Mário Vasconcelos Trepa e Maria Isabel Cerveira Miranda.

Bem-hajam!

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário de não os nomearmos no nosso agradecimento.

- Estão à venda na Sede os vídeos e DVD das seguintes viagens:

- a Berlim / Hannover / Expo 2000;
- Passeio da Primavera 2002 a Salamanca e Viagem de Fim-de-Ano a Madrid;
- Viagem de Fim-de-Ano à Madeira / Pôr-do-Sol;
- Passeio de Verão a S. Petersburgo, Báltico, Finlândia, Lapónia e Cabo Norte;
- Império dos Incas (Perú – Bolívia);
- Viagem à Holanda e Cruzeiro no Reno
- Viagem aos Açores

- Estão à venda os CD's de:

- Coro dos Antigos Orfeonistas da Univ. de Coimbra "Vinte Anos ao Vivo – no CCB";
- "Poesia para Todos" de Carlos Carranca

Nota Final:

Ao tomar a iniciativa de relançar o "Capa & Batina", a Direcção confiou, naturalmente, na disponibilidade dos Sócios para relatarmos o que viram e o que sentiram ao participar nos eventos que nele se registam; e também nos fotógrafos (amadores ou profissionais...) para enviarem as imagens mais elucidativas.

Só que, por cansaço ou ineptidão dos nossos apelos, essa disponibilidade é reduzida e poucas vezes espontânea – daí o inevitável atraso nas suas publicações...

Se gostas de lembrar tudo com pormenor no futuro, ajuda-nos nesta tarefa!

1 - Ainda temos Sócios com Quotas em atraso, não só deste ano como de anos anteriores
(as dos anos 1999 a 2004 perfazem 10.000 Euros...)

Quando estarão todas em dia?

Dependemos da consciência de um dever estatutário...!

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@sapo.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO